



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**O IMPACTO DO DESEMPREGO NO FUNCIONAMENTO
FAMILIAR E NA IDEACÃO SUICIDA**

JOÃO MIGUEL MAURÍCIO PENA

Orientador de Dissertação:

Prof. Doutora Maria Gouveia-Pereira

Coordenador do Seminário de Dissertação:

Prof. Doutora Maria Gouveia-Pereira

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA

Especialidade em Psicologia Clínica

2013

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação
de Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira,
apresentada no ISPA – Instituto Universitário para
obtenção de grau de Mestre na especialidade de
Psicologia Clínica

Agradecimentos

À professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, um agradecimento por toda a orientação, motivação e incentivo dado desde o início até ao final do presente trabalho. Sem o seu apoio, conhecimento e ensinamentos, a realização deste trabalho teria sido uma experiência menos enriquecedora. Obrigado também por me ter despertado o gosto pela visão sistémica e por me ter ensinado a olhar as situações como um todo e não apenas a partir de uma única perspectiva...

Aos meus pais e irmão agradeço todo o apoio, carinho, ajuda e força que me foram dando ao longo da minha vida, por me ensinarem e darem “ferramentas” para eu próprio escolher o meu percurso, quer pessoal, quer académico... Por me ensinarem a lutar e não desistir dos meus objectivos pessoais e académicos e também por me ensinarem a crescer e a tornar-me numa melhor pessoa ...

À Catarina Nobre, agradeço o apoio interminável durante a realização do meu trabalho, tanto nas horas mais difíceis, como nos momentos mais leves... Agradeço toda a paciência que teve (e tem) perante as angústias e frustrações próprias do caminho, não esquecendo também as horas de companheirismo, de diversão, de longas conversas e de crescimento global ao longo do nosso percurso académico e pessoal...

À Patrícia Santos, agradeço a preciosa ajuda que me deu quando as dificuldades ao nível do inglês surgiram. Agradeço a amizade, os momentos de companhia, e o apoio dado através de conversas e dos vários momentos de convívio...

Aos meus amigos, a minha segunda família, que me acompanha desde que sou gente! Agradeço-lhes por todos os momentos de pura amizade, descontração, risos, “crises”... A cada um que com a sua forma de ser preenche a minha vida... Sem este segundo pilar na minha vida, tudo seria mais cinzento... Convosco aprendi muito e continuarei a aprender...

Ao Hugo Gomes agradeço pelas sugestões que deu para este trabalho, e principalmente pela preciosa ajuda dada na parte estatística...

Aos meus colegas de faculdade, e a todas as pessoas que já passaram pela minha vida...
Agradeço o contributo que cada um teve em mim e as aprendizagens que me proporcionaram...

Por fim, e não menos importante, agradeço a todas as famílias que participaram neste estudo. Sem a sua participação, este estudo não teria sido possível nem faria sentido...

Resumo

Perante o actual panorama económico nacional e internacional, torna-se pertinente estudarmos o impacto que o desemprego e a crise económica mundial tem no funcionamento familiar e ideação suicida, colmatando assim a falha existente na literatura no que toca a esta temática. Deste modo, com este trabalho, tentou-se perceber se os níveis de ideação suicida variam em função da situação profissional da família (com/sem emprego) e os membros da família (mãe vs pai vs filho adolescente) e também se a situação profissional da família está relacionada com a ideação suicida, em que esta relação é mediada pelo funcionamento familiar (funcional vs disfuncional).

A amostra deste estudo é constituída por 28 agregados familiares, cada um composto por três elementos: pai, mãe e filho adolescente. Perfaz assim um total de 84 participantes – 56 pais e 28 filhos – sendo que destes 28 agregados familiares, 14 encontram-se numa situação de desemprego. Aos participantes do estudo foi pedido que respondessem à Escala de Avaliação de Flexibilidade e Coesão Familiar – FACES IV (Olson, 2011) e ao Questionário de Ideação Suicida – QIS (Ferreira & Castela, 1999).

Os resultados do presente estudo, indicam-nos que famílias que se encontrem sem emprego apresentam maiores índices de ideação suicida, não havendo no entanto diferenças significativas nestes índices entre pai, mãe e filho adolescente. Concluiu-se também que o funcionamento familiar tem um efeito mediador na relação entre a situação profissional da família e a ideação suicida.

Palavras chave: Desemprego; Crise Económica; Funcionamento Familiar; Ideação suicida; Famílias com filhos Adolescentes.

Abstract

Given the current national and international economic environment , it is pertinent to study the impact that the global economic crisis and the unemployment have on the family dynamics and the suicidal ideation , thus closing the existing gap in the literature with regard to this issue . With this work , we tried to understand whether levels of suicidal ideation vary depending on the professional status of the family (with / without employment), family members (mother vs. father vs. adolescent), and also if the professional status of the family is related to suicidal ideation – baring in mind that this relation is mediated by the family dynamics (functional vs. dysfunctional) .

The sample consists of 28 households , each consisting of three elements : father, mother and teenage. This makes a total of 84 participants – 56 parents and 28 sons. Of these 28 households, 14 are in a situation of unemployment . Study participants were asked to answer the Assessment Scale Flexibility and Family Cohesion - FACES IV (Olson , 2011) and the Suicidal Ideation Questionnaire - QIS (Ferreira & Castilla , 1999).

The results of this study show us that families who are unemployed have higher rates of suicidal ideation. However there weren't significant differences in the results between father, mother and teenage son/ daughter. Moreover, it was found that family functioning has a mediating effect on the relation between employment status and family suicidal ideation.

Keywords: Unemployment, Economic Crisis, Family Functioning, Suicidal ideation; Families with Teenage Sons.

Índice

Introdução	1
1. A Família.....	2
2. A Família Enquanto Sistema	3
2.1. A Família com Filhos Adolescentes	4
2.2. Stress e Crise Familiar	7
2.3. Funcionamento Familiar	8
2.3.1. Tipos de Família	9
2.3.2. Coesão Familiar	10
2.3.3. Flexibilidade Familiar	11
2.3.4. Comunicação na Família	12
3. A Crise Económica – 2008 à Actualidade	16
3.1. As Causas da Crise Económica em Portugal e no Mundo	16
3.2. O Impacto Psicológico da Crise Económica e do Desemprego	17
3.3. O Impacto da Crise Económica e do Desemprego no Funcionamento Familiar e Ideação Suicida	18
4. Objectivos e Hipóteses do Estudo	23
Método	24
1. Participantes	24
2. Instrumentos	25
2.1. Questionário Socio-demográfico	25
2.2. FACES IV – Escala de Adaptabilidade e Coesão Familiar	25
2.3. Questionário de Ideação Suicida	27
3. Procedimento	27
Resultados	29
1. Operacionalização da Escala FACES IV	29
2. Análise Descritiva	29

2.1. Análise Descritiva dos Rácios do Modelo Circumplexo de Olson	29
3. Análise dos Resultados	31
3.1. Situação Profissional Familiar e Ideação Suicida	31
3.2. Situação Profissional e Funcionamento Familiar	32
3.3. Funcionamento Familiar como Variável Mediadora da Relação entre a Situação Profissional Familiar e a Ideação Suicida	33
Discussão	35
1. Situação Profissional da Família e Ideação Suicida	35
2. Situação Profissional, Funcionamento Familiar e Ideação Suicida	36
Considerações Finais	39
Referências Bibliográficas	41
Anexos	44
1. Anexo A – Instrumento Aplicado aos Adultos	44
2. Anexo B – Instrumento Aplicado aos Adolescentes	51

Índice de Tabelas e Figuras

Tabela 1 - Distribuição da Amostra Segundo o Local de Residência	24
Tabela 2 – Fidelidade das subescalas do FACES IV	26
Tabela 3 – Consistência Interna – Questionário de Ideação Suicida	27
Quadro 1 – Fórmulas para o Cálculo dos Rácios	29
Tabela 4 – Correlações de Pearson entre os Rácios do Modelo Circumplexo	30
Tabela 5 – Estatísticas de Frequências dos Rácios do Modelo Circumplexo	30
Gráfico 1 – Relação Entre Situação Profissional Familiar e Ideação Suicida	31
Tabela 6 - Análise das Correlações de Pearson entre Ideação Suicida, Rácio de Coesão, Rácio de Flexibilidade e Rácio de Funcionamento Familiar	32
Figura 1 – Modelo de Mediação	34

INTRODUÇÃO

A sociedade, nos dias de hoje, encontra-se a atravessar uma das maiores crises económicas das últimas décadas. Todos os dias somos confrontados com notícias acerca do aumento de impostos, sobre o aumento das taxas de desemprego, entre outras. Cada vez surgem mais contas para pagar e menos dinheiro para gastar, notando-se uma diferença nos hábitos dos portugueses. As pessoas deixam de fazer férias fora do país, deixam de almoçar num restaurante para passar a almoçar em casa ou levar preparado para o trabalho. Cada vez mais ouvimos as pessoas falarem em crise e nas dificuldades que esta tem trazido às famílias. Os pais queixam-se cada vez mais da dificuldade que têm em proporcionar os bens essenciais aos filhos. Assim, de que modo estará realmente a crise económica e o desemprego a afectar a vida e o dia-a-dia das pessoas? Que repercussões trarão para as famílias?

É a partir destas questões que surge a razão para fazermos este trabalho. Tentamos perceber qual a relação do desemprego com o funcionamento familiar e com a ideação suicida, fenómeno este, extremamente complexo e ainda com muitas nuances a estudar.

Deste modo, o presente trabalho, encontra-se estruturado da seguinte forma: na primeira parte foi feito um levantamento teórico no que toca às principais temáticas deste estudo, ou seja a família, e os seus tipos de funcionamento, assim como se tentou perceber também qual o “estado da arte” no que toca ao desemprego e pressão económica e de que modo estes factores poderiam ter influencia no funcionamento familiar e na ideação suicida. A partir desta revisão de literatura, tentamos perceber as lacunas encontradas e desse modo, criar as nossas hipóteses de estudo. Numa segunda etapa deste trabalho, explicitaremos qual a população alvo que mais faz sentido participar neste estudo e quais as metodologias utilizadas no decorrer deste. A terceira etapa deste trabalho prende-se com a análise aos resultados obtidos a partir deste estudo, em que tentaremos dar resposta às hipóteses de investigação colocadas. Esta etapa conduz-nos, então, à quarta etapa deste trabalho, em que os resultados anteriores irão ser interpretados e qual a ligação destes com a actual literatura, tentando colmatar as falhas encontradas. Por fim, serão demonstradas as principais conclusões que decorreram do presente trabalho, sendo salientadas também as principais limitações e pontos fortes deste. Por fim, é apresentado um conjunto de sugestões para futuras investigações.

1. A FAMÍLIA

“É habitual pensarmos na família como o lugar onde naturalmente nascemos, crescemos e morremos, ainda que, nesse longo percurso, possamos ir tendo mais do que uma família.”

(Madalena Alarcão, *(Des)Equilíbrios Familiares*, p.37)

Desde o século XIX, por toda a Europa, o modelo social mais habitual, adoptado pela grande maioria dos países, é o modelo de família nuclear, constituída por pai, mãe e filhos. Os papéis desempenhados neste núcleo eram bastante rígidos, sendo que a estrutura predominante era a patriarcal. Ao longo dos séculos XIX e XX, os papéis desempenhados pelos cônjuges mostravam-se desiguais – o homem era aquele que detinha o direito e dever de sustentar a sua família, proporcionando a sua estabilidade e qualidade de vida. Quanto ao papel da mulher, ela deveria cuidar de toda a lida doméstica e tinha como principal função cuidar dos filhos e da casa.

No final do século XX, principalmente a partir dos anos 70, este paradigma foi-se alterando, principalmente devido à emancipação da mulher. A mulher passou a ter uma maior independência económica, uma vez que passa a ter atividade laboral. Por outro lado, é de relevar o facto de a mulher passar a ter um maior controlo sobre a sua reprodução, nomeadamente com a introdução de novos métodos contraceptivos, como é o caso da pílula ou do implante hormonal. Além disso, a forma como a sociedade encara o divórcio (actualmente aceite e legalmente instituído) também veio alterar o paradigma de família nuclear.

Atualmente, o conceito de família tem vindo a sofrer algumas alterações. As uniões de facto são cada vez mais frequentes, assim como as famílias monoparentais, famílias sem filhos, casais do mesmo sexo, famílias recompostas, famílias transnacionais, entre outras. Esta nova conceção de família tem por base as alterações sociais, económicas e demográficas com as quais a sociedade se tem vindo a deparar. É importante evidenciar alguns dos factores que levaram a esta mudança de paradigma, nomeadamente o aumento da instabilidade conjugal, os processos migratórios cada vez mais comuns em toda a Europa, a diminuição das taxas de natalidade e a legalização do casamento homossexual.

Verificamos, deste modo, que o conceito de família não é um conceito estável e que vai evoluindo a par das mudanças sociais, económicas e demográficas.

2. A FAMÍLIA ENQUANTO SISTEMA

“Há sistemas para todas as coisas que nos ajudam a saber amar, só não há sistemas para saber amar”

(Almada Negreiros)

Antes de desenvolvermos e aprofundarmos o presente capítulo, torna-se importante definirmos o que é um sistema e a importância da integração deste conceito na família enquanto sistema.

Walliser (1977 cit por Sampaio, 1991, p.74) introduz a noção de sistema como sendo um “1) conjunto em relação recíproca com o ambiente, possuindo uma certa autonomia assegurada pelas trocas com o exterior; 2) um conjunto formado de subsistemas em interação, com uma certa coerência assegurada por essa independência; 3) um conjunto que experimenta modificações, mais ou menos profundas, no tempo, conservando uma certa permanência;”. A partir desta noção, podemos definir a família como um sistema, uma vez que “1) é composta por objetos e respetivos atributos e relações, 2) contém subsistemas e é contida por diversos outros sistemas, ou suprassistemas, todos eles ligados de forma hierarquicamente organizada e 3) possui limites ou fronteiras que a distinguem do seu meio.” (Alarcão, 2006, p. 40).

A família enquanto sistema apresenta-nos duas características que a orientam e regulam: a homeostasia, que mantém o equilíbrio deste sistema; e a transformação, pela qual a família cria mecanismos de adaptação perante as mudanças que decorrem ao longo do ciclo da vida familiar. Estas duas características, apesar de diferentes, encontram-se intrinsecamente ligadas (Sampaio, 1991)

Podemos ainda considerar a família como um grupo de indivíduos que estão ligados não só a partir de laços de sangue, bem como através de trocas de experiências, vivências, emoções e afectos que permitem o desenvolvimento do padrão de interações entre todos os membros que nela são intervenientes. Ao longo do ciclo de vida da família, as interações que se vão estabelecendo vão ficando padronizadas devido às funções e papéis que vão sendo criados e atribuídos aos elementos que a ela pertencem. Cada uma dessas funções, papéis e interações permitem manter a estabilidade da família e permitem uma antevisão de respostas perante determinado acontecimento, oferecendo a esta alguma segurança. Ao longo do ciclo de vida da família, é exigida uma adaptação dos seus padrões, de modo a que se mantenha estável em períodos de crise (Alarcão, 2006; Minuchin, 2008).

É também importante referir que o sistema familiar, não se encontra isolado de outros

sistemas, ou seja, encontra-se em permanente interação com o meio que o envolve. Assim, a partir das trocas que a família estabelece com os outros sistemas exteriores, irá ser influenciada por estes, ao mesmo tempo que os influencia. À medida que a família se vai desenvolvendo ao longo do seu ciclo vital, em determinadas etapas e conforme as suas necessidades, será mais aberta às trocas com o meio envolvente e noutras será mais fechada (Alarcão, 2006).

2.1. A Família com Filhos Adolescentes

Iremos explorar em maior detalhe o conceito da Família com Filhos Adolescentes, uma vez que esta etapa é a mais pertinente neste estudo.

Quando a família atinge esta etapa do seu ciclo vital, nunca se encontra verdadeiramente preparada, não só por ser considerada a etapa mais longa e complexa do ciclo vital familiar, mas também porque esta obriga à transformação dos papéis de cada um dentro do sistema. Há uma maior dificuldade em estabelecer a comunicação entre os membros do sistema, principalmente entre pais e filhos adolescentes, uma vez que estes se encontram numa etapa de grandes mudanças a um nível biológico, fisiológico e emocional, havendo uma tentativa por parte do adolescente em se tornar mais autónomo e de encontrar uma identidade própria e diferenciadora da dos pais – deste modo, há um aumento natural de tensão entre os membros do sistema familiar (Alarcão, 2006).

É importante termos em conta que nesta etapa do ciclo de vida da família, as regras têm um peso muito importante no que toca ao bom equilíbrio da família e do adolescente no seu desenvolvimento emocional. No entanto, é importante que estas regras sejam claras e ao mesmo tempo coerentes e flexíveis, caso contrário corre-se o risco de se cair em um de dois pólos opostos: o da extrema rigidez nas regras e restrições e o da extrema flexibilidade das mesmas. A extrema rigidez nas regras surge muitas vezes como forma de prevenir possíveis más escolhas por parte dos filhos, advindo de medos e ansiedades por parte das figuras parentais, o que leva a uma maior probabilidade de comunicação disfuncional na família, dificultando o processo de separação/individuação e autonomia emocional do adolescente em relação aos seus pais. No pólo oposto, os pais que definem poucas ou nenhuma regras aos seus filhos adolescentes fazem-no, frequentemente, com medo que estas sejam um gatilho para possíveis comportamentos rebeldes e provocadores. No entanto, é de se notar que nestas situações, os adolescentes podem sentir-se abandonados ou sentir que os pais estão desligados da sua vida, gerando então os tais comportamentos negativos como forma de chamar a atenção das figuras parentais (Alarcão, 2006).

Como já foi referido, nesta etapa a família depara-se com a gradual separação e autonomia do adolescente em relação aos elementos do sistema, em particular, aos pais. Este processo poderá ser mais ou menos demorado, conforme o tipo de relação que o adolescente tem com a família e a família em relação a este. No decorrer deste processo, ocorrem alterações em vários domínios. Iremos focar os três principais domínios sugeridos por Alarcão (2006):

1. *Comportamental* – No decorrer desta etapa do ciclo de vida da família, observa-se, por norma, um gradual afastamento do adolescente em relação aos pais, passando o adolescente a querer participar cada vez menos nas actividades e tarefas conjuntas com o sistema. As alterações que ocorrem neste domínio podem originar conflitos entre os pais e os filhos adolescentes: por um lado, os pais consideram que cada vez mais o adolescente não quer a companhia deles e que não colabora nas tarefas domésticas; por outro, o adolescente considera que os pais lhe dão pouco espaço quando o próprio necessita de passar algum tempo sem os pais, para estar consigo próprio ou com os seus pares;
2. *Cognitivo* – O adolescente passa a saber e a querer diferenciar as suas opiniões das dos pais, a ter os seus próprios pontos de vista. Para que estas alterações ao nível cognitivo sejam estimuladas e não se tornem num elemento gerador de conflitos, os pais devem ajudar o adolescente a saber desenvolver e aprofundar as suas ideias e opiniões e a saber debater-las. Devem escutar o adolescente, discutindo com ele os diferentes pontos de vista que a sua opinião pode gerar, permitindo e estimulando a sua autonomia intelectual;
3. *Afectos* – Ocorrem também grandes alterações neste plano. Estendem-se a todo o sistema familiar e implica uma maior separação do adolescente em relação ao afecto dos pais e irmãos. O adolescente passa a procurar os afectos junto do seu grupo de pares, iniciando também a sua vida amorosa. As alterações neste plano podem levar a tensão no sistema familiar.

É também importante referir que os adolescentes por esta altura dão grande importância ao grupo de pares e que efectivamente estes têm um papel fulcral no seu desenvolvimento – não só por estes conterem as angústias uns dos outros, como também pelo facto de constituírem uma base no que toca à socialização. É, no entanto, importante que o grupo de pares seja também diferenciado e heterogénico de modo a que o adolescente possa ter um contacto mais rico com os pares, podendo assim experimentar vários tipos de papéis, que irão servir para alargar a sua experiência social (Alarcão, 2006).

Relativamente à relação entre pais-filhos, nesta etapa terá necessariamente de haver um

reajuste da relação de modo a facilitar o desenvolvimento do adolescente e a manter esta relação o mais pacífica e saudável possível. É assim requerida uma transformação tanto nos pais como nos filhos, à medida que estes se vão autonomizando e tornando adultos. Uma das problemáticas mais comuns nesta fase passa pela falta de clareza que o adolescente demonstra às figuras parentais quando necessita do seu apoio, podendo manifestar-se uma grande ambiguidade nestas solicitações. Quando o adolescente tem irmãos que não são adolescentes, ocorrem, por norma, duas situações distintas: poderá existir uma relação fraternal de solidariedade, respeito e cooperação, facilitando a passagem por esta etapa ou, por outro lado, quando acontece o contrário (uma rivalidade fraterna vincada) criam-se alianças e coligações com determinado(s) elemento(s) do sistema. O trabalho dos pais torna-se mais difícil, de modo a gerir este tipo de situações, uma vez que estão a lidar com pessoas diferentes e que se encontram em etapas do desenvolvimento diferentes, o que exige diferentes estilos de interacção com cada um deles (Alarcão, 2006).

Uma outra questão importante de debater é a da relação de poder entre pais e filhos, visto que os pais têm medo de perder o seu poder perante o adolescente, enquanto estes últimos tentam perceber e ganhar o seu próprio poder. Esta percepção por parte do adolescente vai sendo adquirida a partir da experimentação de diferentes papéis neste percurso e também nos diferentes testes aos limites que vão fazendo, muitas vezes através da provocação. De modo a existir um equilíbrio nesta “luta de poderes”, é necessário que os pais saibam estabelecer e impor limites de uma forma coerente e justa mas ao mesmo tempo flexível, para que haja uma negociação de ambas as partes desses limites. Assim, o adolescente adquire uma boa percepção dos limites e do seu poder dentro do sistema familiar e adquire igualmente a consciência de que pode recorrer aos pais quando necessita deles, enquanto adquire, gradualmente, a sua autonomia, independência e capacidade de resolver os seus próprios problemas (Alarcão, 2006).

Já no final desta etapa do ciclo de vida da família, quando os adolescente têm já uma maior autonomia e independência da família, surge uma nova situação que poderá ser causadora de *stress* no sistema familiar, pois está implícita nesta fase de transição uma reorganização da vida conjugal. O jovem adulto passa cada vez menos tempo em casa e necessita cada vez menos dos pais, os quais passam a ter mais tempo disponível para ambos, deixando assim a função parental de se sobrepor na vida conjugal. Torna-se necessária uma readaptação dos hábitos relacionais de modo a que a relação conjugal se mantenha estável e equilibrada. Muitas vezes os casais não sabem readaptar-se a esta nova realidade, acabando por haver uma dissolução enquanto casal, podendo mesmo levar ao divórcio/separação (Alarcão, 2006).

2.2. *Stress e Crise Familiar*

Todos os sistemas familiares estão sujeitos a condições que induzem o *stress*, sendo que essas condições (*naturais* ou *acidentais*) levam à origem de uma crise. As crises naturais são aquelas que são esperadas e têm alguma previsibilidade, pois estão interligadas ao ciclo vital da família. As crises acidentais (por exemplo, morte precoce de um filho, acidente de viação em que um ou vários membros do sistema familiar ficam gravemente feridos) têm uma ressonância emocional mais negativa devido ao seu carácter inesperado (Alarcão, 2006).

O sistema familiar está sujeito a dois tipos de pressões que podem ser geradoras de *stress*: as *internas* e as *externas*, sendo que as pressões internas ocorrem com as alterações que estão subjacentes ao desenvolvimento dos elementos do sistema e do subsistema, enquanto as pressões externas estão relacionadas “com as exigências de adaptação dos membros às instituições sociais, que sobre eles têm influência” (Alarcão, 2006, p.93).

As crises ocorrem quando há uma ameaça ao sistema e este fica abalado, uma vez que ocorrem obrigatoriamente alterações na família, pois “o sistema teme o desconhecido e, por isso mesmo, tem tendência a ancorar-se no padrão de relações que conhece” (Alarcão, 2006, p.96). Assim sendo, para Minuchin (1979) a crise pode ser considerada funcional ou disfuncional. Para podermos considerar a crise funcional para o sistema familiar, esta tem de induzir na família crescimento e evolução. Caso não haja um efeito inverso ao descrito anteriormente, a crise é disfuncional para a família.

Para Minuchin (1979), existem quatro tipos de situação que causam *stress* familiar: 1) Contacto de um membro da família com uma fonte de *stress* extra-familiar (crise económica); 2) Contacto de toda a família com uma fonte de *stress* extra-familiar; 3) *Stress* relativo aos períodos de transição do ciclo vital da família; 4) *Stress* provocado por problemas particulares. Nestas quatro situações que causam *stress*, o sistema familiar deverá ser um suporte para os seus diferentes elementos, tanto no que toca a pressões externas como internas. Assim, ao existir pelo menos um elemento que esteja a passar por um momento de *stress* e pressão, os outros elementos também o irão sentir. Como tal, todo o sistema familiar irá desenvolver estratégias para que ocorram mudanças. Um dos principais receios do sistema familiar é perder o controlo das suas vidas, devido aos acontecimentos que causam *stress*. Assim, todos os sistemas familiares procuram a estabilidade através da previsão dos acontecimentos. Nos momentos de crise, o sistema passa a ser disfuncional e vai-se moldando para recriar novos modelos de adaptação, ficando de parte o medo da perda do controlo e encontrando de novo a estabilidade (Alarcão, 2006).

Há que ter em conta o nível de flexibilidade de determinado sistema familiar perante a crise. Quanto mais rígido for o sistema, mais difícil é a adaptação à mesma (Alarcão, 2006).

2.3. *Funcionamento Familiar*

O modelo teórico de referência utilizado no presente estudo para abordar o funcionamento familiar é o Modelo Circumplexo de Olson, pois é um modelo extremamente abrangente na temática. O Modelo Circumplexo do Casal e dos Sistemas Familiares, desenvolvido por Olson e seus colaboradores (1989), surge a partir da necessidade de colmatar a falha teórica existente até ao momento no que diz respeito ao funcionamento familiar e à dificuldade em definir os diferentes tipos de família existentes. Este modelo tem como objectivo primordial perceber o modelo relacional existente nas famílias, integrando esse modelo relacional nas três dimensões avaliadas pelo Modelo Circumplexo: a coesão, a flexibilidade e a comunicação (Olson & Gorall 2003).

Olson et al. (1983), ao classificarem a família a partir do modelo circumplexo, defendem que esta passa por sete estádios diferentes. O primeiro estádio é classificado como o *Casal Jovem Sem Filhos*, em que ocorre uma reformulação dos objetivos de cada um dos membros e do próprio casal.

No que toca ao segundo estádio, designado por *Família com Crianças Pequenas* em idade pré-escola, a família centra-se essencialmente na criança e os pais são considerados as fontes primárias de comunicação na família.

O terceiro estádio é definido por *Famílias com Crianças em Idade Escolar*, em que a família foca-se mais na socialização e educação da criança – que terá uma idade compreendida entre os seis e os doze anos.

Quanto ao quarto estádio, a *Família Constituída por Filhos Adolescentes*, há uma preocupação por parte dos pais em preparar os filhos para a idade adulta (etapa aprofundada no capítulo 2.1. *Famílias com Filhos Adolescentes*).

Num quinto estádio, encontram-se as *Famílias Lançadoras*, querendo isto dizer que os adolescentes começam a sair de casa e a ter uma maior autonomia fora da família. Nesta fase, há uma mudança nos papéis, quer dos pais, quer dos adolescentes, de modo a que os adolescentes se tornem autónomos.

O sexto estádio, caracterizado pela fase do “ninho vazio”, corresponde ao momento em que os filhos já abandonaram a casa dos pais e a Família passa a ser orientada conforme as necessidades do casal, sendo assim estabelecida uma relação mais diferenciada entre o casal,

os filhos e os netos.

A sétima e última fase corresponde à fase em que as famílias se encontram na reforma, ou seja, o casal cessou as suas funções no que toca à supervisão do crescimento e evolução dos filhos. É uma fase em que ocorre uma manutenção do casal e é estabelecido um maior contacto com a família mais alargada e amigos.

2.3.1. Tipos de Família

Olson e Gorall (2006) desenvolveram um modelo explicativo que caracteriza os diferentes tipos de família e as relações entre os seus membros. Estas características são sistematizadas no Modelo Circumplexo, que sugere seis tipos de família:

- 1) *Famílias Equilibradas* – Normalmente, o seu funcionamento é considerado normativo. Quando este tipo de família é confrontada com momentos de *stress* ou alterações no padrão relacional, há uma fácil adaptação, mantendo um funcionamento normativo.
- 2) *Famílias Rigidamente Equilibradas* – Este tipo de família tem um maior nível de rigidez e aproximação emocional, comparativamente às famílias equilibradas. As Famílias Rigidamente Equilibradas têm, normalmente, um comportamento adaptado, principalmente devido ao facto de haver proximidade entre os elementos da família. No entanto, demonstram algumas dificuldades perante alterações devido à sua grande rigidez.
- 3) *Famílias médias* – Por norma são funcionais, pois não apresentam níveis extremos de força e proteção, nem fatores de risco.
- 4) *Famílias Flexivelmente Desequilibradas* – Poderão demonstrar um tipo de funcionamento mais problemático, mas têm níveis altos de flexibilidade, bem como capacidade de modificar determinados padrões de comportamentos problemáticos, quando há necessidade de tal.
- 5) *Famílias Caoticamente Desligadas* – Correspondem a um tipo de famílias já consideradas problemáticas, devido à falha que ocorre ao nível da proximidade emocional e ao facto de demonstrarem baixos níveis de flexibilidade, existindo grande dificuldade de alteração de comportamentos problemáticos, face a essa necessidade, ou perante estímulos que envolvam um maior *stress* ou alterações nos padrões relacionais.
- 6) *Famílias Desequilibradas* – Têm características que estão no pólo oposto quando comparadas às das famílias equilibradas. São o tipo de famílias que demonstram maiores problemas no que toca ao seu funcionamento, apresentado grandes *handicaps*

nos níveis de proteção e força. Geralmente apresentam uma maior necessidade de fazer terapia, por forma a trabalharem as características que bloqueiam o seu funcionamento normativo e, assim, conseguirem lidar com os eventos de maior *stress* de uma forma natural e adaptativa.

2.3.2. *Coesão Familiar*

Durante o desenvolvimento e aprofundamento do Modelo Circumplexo, Olson e Gorall (2006) demonstraram que a coesão tem uma enorme influência na estabilidade e organização familiar, assim como na construção dos diferentes tipos de família. Definiram coesão familiar com sendo a ligação emocional que os elementos da família estabelecem entre si. Esta pode ser também considerada uma barreira de origem emocional que existe entre todos os membros da família. Neste modelo, existem outros fatores que influenciam a tal coesão, tais como os amigos, as tomadas de decisão, a ligação emocional, as coligações, as barreiras, o tempo e o espaço. Este tipo de características são as que são identificadas, analisadas e trabalhadas em terapia, por forma a melhorar a adaptação familiar face à mudança e às situações de *stress* que vão decorrendo ao longo do ciclo de vida familiar. De notar que os níveis dos extremos – *Coesão Desligada* e *Coesão Emaranhada* – são os que requerem uma maior atenção visto serem os níveis mais disfuncionais.

Olson e Gorell (2006) demonstram no seu modelo os cinco tipos de coesão familiar e quais os que necessitam de ser mais trabalhados, com o objetivo das famílias gerarem respostas mais adequadas perante os diferentes estímulos e mudanças a que são submetidas. São eles:

- 1) *Coesão Desligada* – Há um nível de coesão familiar extremamente baixo, ou seja, os elementos do sistema familiar envolvem-se pouco na vida uns dos outros e existe assim uma grande independência entre os elementos. Há uma separação ao nível emocional e pessoal, o que explica que as tarefas sejam realizadas de forma independente, existindo uma baixa capacidade ou até mesmo incapacidade dos membros do sistema se apoiarem, entreajudarem e cooperarem na resolução de problemas uns dos outros, havendo baixos níveis de vinculação entre cada um dos membros.
- 2) *Coesão de algum modo ligada* – Os níveis de coesão oscilam entre o baixo e o moderado. As relações no sistema familiar induzem nos sujeitos uma certa separação emocional, acabando por ser mais valorizadas as tarefas realizadas de forma independente e fora da família do que as tarefas realizadas em família. Apesar disso, há espaço para tomadas de decisão em conjunto com os diferentes elementos da família.

As actividades e interesses são geralmente independentes entre cada um dos elementos, mas existe uma partilha e conhecimento destas actividades e interesses entre todos os elementos.

- 3) *Coesão Ligada* – Os níveis de coesão familiar são moderados, o que leva a que estas famílias sejam as mais equilibradas no que toca aos níveis de ligação entre os elementos e separação psicológica. Assim, os elementos pertencentes a este tipo de famílias têm a sua independência mas ao mesmo tempo encontram-se ligados às suas famílias. Nestes casos, geralmente as famílias são as mais funcionais ao longo do ciclo de vida, comparativamente com as restantes.
- 4) *Coesão muito ligada* – Há um nível de coesão familiar que oscila entre o moderado e o alto, remetendo para o facto dos elementos do sistema familiar terem uma grande proximidade emocional em que é mais valorizado o tempo que todos os elementos passam juntos do que o que passam sozinhos. Há um grande sentido de lealdade entre todos os elementos subjacente a este tipo de coesão. A relação entre os elementos é de grande dependência.
- 5) *Coesão Emaranhada* – Aqui os níveis de coesão familiar são considerados muito elevados, ou seja, existe uma extrema proximidade emocional, em que há uma exigência explícita de lealdade entre todos os elementos, levando ao excesso de dependência e a uma grande reatividade entre os mesmos. Este tipo de famílias normalmente é muito fechado sobre si próprio, acabando por interagir e relacionar-se o mínimo possível com elementos externos à família.

2.3.3. *Flexibilidade Familiar*

O modelo de Olson e Gorell (2006) aborda também os diferentes níveis de flexibilidade que as famílias têm e a influência desta nas relações entre os membros. Para estes autores, a flexibilidade consiste na forma como o sistema familiar oscila entre a estabilidade e a mudança, tendo em conta os papéis que cada indivíduo tem na sua família, as regras estabelecidas, a organização e as negociações que são feitas dentro do sistema. Segundo Olson e Gorell (2006), existem cinco níveis de flexibilidade distintos:

- 1) *Flexibilidade Rígida* – Os níveis de flexibilidade são extremamente baixos. Quando as famílias têm uma flexibilidade rígida, há pelo menos um indivíduo que é extremamente controlador e as decisões familiares passam por esse elemento, sendo as negociações bastante limitadas. Neste tipo de famílias as regras são muito rígidas e os papéis são

estritamente definidos.

- 2) *Um Tanto Flexíveis* – Os níveis de flexibilidade são baixos a moderados. Há uma liderança com características mais democráticas, em que, por vezes, os pais também incluem as crianças e adolescentes na negociação das regras. Os papéis dos elementos destas famílias são frequentemente estáveis e há uma partilha de papéis entre os elementos. No entanto, as regras são algo rígidas e raramente sofrem alterações.
- 3) *Flexíveis* – Os níveis de flexibilidade são moderados. Existe um equilíbrio no tipo de liderança, que passa por todos os membros da família. Há também uma facilidade no que toca à alteração de regras e na possibilidade de mudanças perante determinadas situações de *stress*.
- 4) *Muito Flexíveis* – A flexibilidade é moderada a elevada, existindo uma grande tendência a oscilações de liderança entre os diferentes membros do sistema familiar e uma grande mudança no que toca às regras.
- 5) *Flexibilidade Caótica* – Há elevados níveis de flexibilidade, ou seja, a liderança por parte dos membros é muito limitada e não é coerente. As decisões são tomadas com grande impulsividade, não havendo decisões verdadeiramente refletidas. Neste tipo de famílias, torna-se complicado distinguir os papéis de cada indivíduo no sistema familiar, pois há uma grande oscilação entre os papéis.

Os níveis de flexibilidade mais centrais apresentam um maior equilíbrio e melhor funcionamento familiar.

Assim, a flexibilidade tem um grande contributo no que toca às mudanças que ocorrem nas dinâmicas familiares, nas regras e nos papéis. Como tal, em terapia, os níveis de flexibilidade devem ser trabalhados, de modo a que se consigam operar mudanças de uma forma positiva nas problemáticas da família. Constatamos assim que, nas famílias problemáticas, os níveis de flexibilidade encontram-se normalmente nos extremos e acabam por ser impeditivas de implementar modificações nos comportamentos sintomáticos das mesmas, ao contrário do que acontece nas famílias que têm níveis centrais de flexibilidade, que têm uma melhor capacidade para a mudança e manter a estabilidade (Olson, 2000).

2.3.4. Comunicação na Família

Uma outra dimensão abordada no Modelo Circumplexo proposto por Olson (2006) é a da comunicação na família, que demonstra as competências da comunicação estabelecida no sistema familiar. Esta dimensão acaba por influenciar quer os níveis de coesão familiar, quer

os níveis de flexibilidade. Assim, quanto maior for a qualidade da comunicação estabelecida entre os elementos da família, maior será a facilidade em alterar os níveis de coesão e flexibilidade, de modo a que estas se consigam adaptar às exigências decorrentes das diferentes fases do ciclo de vida familiar, ou aos eventos não esperados.

A comunicação na família pode ser medida a partir das suas capacidades de fala, escrita, partilha de sentimentos acerca de si e dos restantes elementos da sua família, respeito, aspectos afetivos da comunicação, entre outras características. Uma forma de poder avaliar os diferentes tipos de comunicação passa por observar as capacidades de escuta dos indivíduos e de estabelecer uma relação empática com os restantes membros da família. É necessário observar se os sujeitos apenas falam deles próprios, se se sobrepõem perante os outros ou se falam com os demais. A partir destas premissas, Olson e Gorall (2006) defendem que os sistemas familiares mais equilibrados, sistemas de flexibilidade e coesão, estabelecem por norma padrões comunicacionais adequados e equilibrados (existindo maiores níveis de satisfação), enquanto que nos sistemas familiares desequilibrados existem maiores dificuldades comunicacionais.

De forma a percebermos um pouco melhor os processos de comunicação e da influência que esta tem na capacidade de resolução de problemas das famílias, consideramos pertinente explanar os estudos de Paul Watzlawick e colegas (1967), pois estes autores desenvolveram bastante esta temática nos seus trabalhos. Dizem-nos que todo o sistema familiar funciona a partir da comunicação estabelecida entre todos os elementos do sistema, quer pela via normativa, quer pela via patológica. Assim, definem cinco princípios que impulsionam a comunicação funcional, denominados de cinco axiomas da pragmática da comunicação humana:

1. *“É impossível não comunicar”* - qualquer acção, consciente ou inconsciente, que façamos ou que tentemos evitar, é uma forma de comunicação. Até mesmo quando permanecemos em silêncio, estamos a comunicar com o outro. Ao inferirmos que em dado sistema familiar não há comunicação, estamos a cometer um erro. O que acontece é que esta comunicação não é funcional, mas existe. No entanto, quando há comunicação funcional num sistema, ela permite uma aproximação dos indivíduos, enquanto que num sistema onde a comunicação é disfuncional, há um afastamento dos indivíduos.
2. *“Conteúdo Vs Relação”* - A comunicação, para além de transmitir informações, expressar opiniões e sentimentos (conteúdo), também expressa directa e indirectamente alguma informação sobre o interlocutor (relação), sendo assim formada uma

metacomunicação que consiste numa “comunicação sobre a comunicação: podemos metacomunicar sobre o conteúdo ou sobre a relação” (Watzlawick et al, 1967, cit in Alarcão, 2006, p. 70). Poderão ocorrer distorções na comunicação no sistema familiar quando um dos elementos não consegue distinguir na mensagem o conteúdo da relação. Um outro factor que poderá ocorrer neste segundo axioma é a confusão, em são discutidos os conteúdos, quando na realidade o que se pretende é definir a relação.

3. “*Pontuação da sequência dos factos*” - Quando há comunicação, ocorre uma série de trocas sem interrupção. Os indivíduos, conforme o seu ponto de vista, pontuam as suas comunicações. É a partir da pontuação que se marca o início ou o fim de uma comunicação, tendo como função dar um sentido lógico dos acontecimentos, sendo por isso fundamental na comunicação. Por vezes, a pontuação das comunicações é diferente entre os dois interlocutores, em que “cada um considera o seu comportamento como uma resposta ao comportamento do outro, ignorando a circularidade do processo comunicacional.” (Watzlawick et al, 1967 cit in Alarcão, 2006, p.73). Este terceiro axioma demonstra-nos também que o mesmo comportamento pode ser considerado e interpretado de forma diferente entre cada indivíduo, podendo levar a conflitos e/ou interpretações ambíguas. Tais factos ocorrem, uma vez que cada indivíduo pensa que tem a mesma informação que o outro (quando não tem), o que o leva a pensar que os outros pensam da mesma forma que o próprio. Em suma, tanto o emissor como o receptor formulam a comunicação de forma diferente e interpretam essa comunicação dependendo da reacção do outro.
4. “*Os seres humanos comunicam de forma digital e analógica*” – A comunicação digital é um tipo de comunicação mais objectivo, que está relacionado com a semântica e a sintaxe. É aquilo a que chamamos de comunicação verbal. Este tipo de linguagem não deixa transparecer tão facilmente os sentimentos/ as emoções do sujeito e nem sempre pode transmitir o verdadeiro significado daquilo que se quer comunicar. A comunicação analógica é um tipo de comunicação mais simbólica, que pode ser avaliada a partir da linguagem corporal e através dos silêncios, o que leva a que o indivíduo estabeleça uma relação analógica com o outro, atribuindo assim um significado a essa comunicação. Este é um tipo de comunicação que pode ser utilizada por si só, uma vez que transmite uma mensagem (apesar de ser de uma forma menos precisa, mais subjectiva, podendo até mesmo ser considerada mais afectiva e emocional), ou pode ser complementar à comunicação digital. A linguagem analógica tem também como função clarificar a

mensagem que é transmitida pela linguagem digital. Por vezes, os indivíduos ao traduzirem a comunicação analógica, traduzem-na de forma errada, o que pode levar a uma comunicação disfuncional (Alarcão, 2006).

5. “*Simetria e Complementaridade*” – A comunicação pode ser considerada simétrica ou complementar, ou seja, “na interacção simétrica, os indivíduos tendem a reflectir o comportamento um do outro, minimizando as suas diferenças e amplificando as semelhanças comunicacionais.” (Watzlawick et al, 1967 cit in Alarcão, 2006, p. 76). Na comunicação complementar, são maximizadas as diferenças entre os indivíduos que comunicam, uma vez que há uma tentativa de um dos sujeitos complementar o comportamento do outro. Este tipo de comunicação pode ter duas características: “na primeira, o indivíduo, dirige e detém a responsabilidade da interacção; na segunda, ajusta-se ao comportamento do outro e responde à sua iniciativa.” (op cit). As relações ditas funcionais têm estes dois tipos de comunicação. Ocorre psicopatologia quando existem distorções numa ou em ambos os modelos. Quando a relação simétrica é rígida, um dos elementos da família reage e tem a mesma tipologia de comportamentos do outro. A competição e a rivalidade são duas das características principais deste tipo de relação. Quando na relação entre o sistema há uma complementaridade rígida, desenvolvem-se relações do tipo “opressor-oprimido, competente-incompetente, vitimador-vítima, etc.” (op cit). A comunicação paradoxal também é uma das patologias que leva a que surjam situações que perturbem quer a interacção dentro do sistema, quer as interacções entre todos os elementos do sistema (Alarcão, 2006).

3. A CRISE ECONÓMICA – 2008 À ACTUALIDADE

“A história europeia do último século também parece demonstrar que não há crescimento económico sustentável sem coesão social.”

(Relatório da Primavera 2012, p.12)

3.1. As Causas da Crise Económica em Portugal e no Mundo

A crise económica global que se abateu na sociedade nos últimos anos provocou uma profunda recessão económica a nível mundial, sendo esta crise e esta recessão a maior desde a grande depressão (Fundo Monetário Internacional, 2009 cit in Stein et al., 2011).

Desde 2008, Portugal, a Europa e o mundo atravessam uma crise económica e financeira que tem um impacto social muito profundo. Centrando-nos na Europa e, mais especificamente, em Portugal, podemos dizer que esta crise foi “desencadeada pelos sistemas financeiros, que convergiu com graves falhas na gestão do Euro, e que atingiu com mais intensidade países económica e socialmente mais frágeis. A situação foi agravada pela inadequação das respostas nacionais, europeias e internacionais.” (cit in Relatório Primavera, 2012).

Inerente a esta crise económica, é necessário ter em conta fatores externos e internos ao país que levaram ao seu surgimento. Como fatores externos podem ser identificados: a) a falta de homogeneidade fiscal e coordenação económica dos diversos países da União Europeia, b) papel limitado do Banco Central Europeu relativamente à gestão do Euro, c) o impacto de ter uma moeda única em países com políticas económicas diferentes e realidades económicas diferentes; e como fatores internos: a) Crescimento económico muito reduzido desde a adesão de Portugal ao Euro, até aos dias de hoje, comparativamente com outros países da Europa, b) Má gestão dos apoios recebidos pela União Europeia, levando ao endividamento gradual do sector público e privado e, consequentemente, à falta de investimentos sustentáveis que permitissem uma economia mais competitiva (Relatório Primavera, 2012)

Devido à ausência de crescimento económico, os aumentos dos gastos a nível social aumentaram exponencialmente, sem existir qualquer tipo de retorno. Perante a atual conjuntura económica, houve um grande decréscimo no que concerne à proteção social, visto que esta e o crescimento económico se encontram mutuamente ligados (Relatório Primavera, 2012).

3.2. O Impacto Psicológico da Crise Económica e do Desemprego

A crise económica e o desemprego são geradores de diferentes tipos de *stress* nos sujeitos. Em primeiro lugar, encontra-se o *stress* financeiro e em segundo o acesso a serviços de saúde. O impacto psicológico, mais pertinente para o presente estudo, é considerado a terceira maior causa de *stress* (Chen, et al., 2012).

Com a recessão económica, aumentou o número de desempregados, o que levou a que existam maiores taxas de emigração, havendo portanto um menor acesso por parte das famílias aos serviços de saúde mental, numa etapa em que estas necessitam de maiores cuidados, devido a uma maior vulnerabilidade ao *stress* e ao surgimento de problemas ao nível da saúde mental. Perante tal facto, o desemprego, o baixo estatuto socioeconómico, etc., poderá levar a família a entrar em crise ou não, dependendo muito das estratégias de *coping* e das capacidades de adaptação que estas dispõem. Normalmente, no caso das famílias que experienciam negativamente a crise económica, estas próprias entram em crise. Tal facto pode ser observado quando os elementos das famílias têm dificuldades em cumprir determinadas tarefas ou regras que anteriormente conseguiam realizar, dificuldades em tomar decisões, incapacidade de cuidar dos restantes membros e incapacidade de se colocarem no lugar do outro, quando anteriormente conseguiam fazê-lo (Kölves, 2010; Sano et al., 2008; Kouneski, 2000).

A baixa saúde mental é um factor muito comum em sujeitos desempregados, visto que estes normalmente têm maiores níveis de depressão, ansiedade e suicídio. Pessoas desempregadas há mais tempo têm uma maior prevalência de episódios depressivos no espaço de um ano, o que significa que a longo prazo as pessoas têm menos estratégias de *coping* do que pessoas que tenham emprego ou que estejam desempregadas há pouco tempo (Chen, et al., 2012).

A pobreza poderá ser uma fonte de grande *stress* para a família. Relacionando a pobreza com as mudanças de trabalho, o desemprego e os trabalhos temporários, conclui-se que estes são factores de *stress* adicional para as famílias. Posto isto, uma família que disponha de poucos recursos, em que pelo menos uma das figuras parentais se encontra no desemprego, ou uma situação de trabalho precário, poderá facilmente desencadear uma situação de crise na família e levar ao surgimento de sintomas depressivos nos membros da família, criando um ciclo vicioso, em que os sintomas depressivos serão um dos factores que potenciam as dificuldades em encontrar emprego (Sano et al., 2008).

Uma outra questão que se torna pertinente referir é a de que a prevalência de uma baixa saúde mental em desempregados varia conforme o género do indivíduo. As conclusões a que

se chegam é a de que os homens têm uma maior probabilidade de virem a ter uma dada patologia devido ao facto destes verem e viverem o desemprego com mais intensidade do que as mulheres. Tal poderá ser explicado pelas diferentes representações sociais associadas ao desemprego no sexo masculino e feminino. Por norma, a percepção social que prevalece é a de que o homem deve ser a figura que mais responsabilidade tem na gestão do orçamento familiar e que os restantes membros da família se encontram mais dependentes deste. Assim, ao ver que não está a conseguir suprir as necessidades económicas da família, o homem viverá com maior intensidade esta etapa de crise comparativamente à mulher (Artazcoz et. al., 2004).

A literatura diz-nos também que a pressão económica é causadora de baixa saúde mental. A pressão económica consiste na “pressão psicológica exercida quando os recursos económicos da família não são suficientes para continuar a manter o habitual funcionamento e normas familiares” (cit in Rothwell & Goren, 2011 pp.2)

No entanto, importa referir que a baixa saúde mental não está directamente relacionada com a pressão económica e com o desemprego. Deve-se ter em consideração o contexto social e individual em que o sujeito se insere, tal como a forma como a própria família do sujeito percepciona a crise económica e lida com a pressão inerente a esta. A classe social da família tem, também, um papel importante (Artazcoz et. al., 2004).

3.3. O Impacto da Crise Económica e do Desemprego no Funcionamento Familiar e Ideação Suicida

Antes de desenvolvermos o presente ponto, torna-se importante explicitar os principais comportamentos suicidas e fazer a distinção entre cada um deles, de modo a facilitar a sua melhor compreensão deste ponto.

Nos comportamentos de para-suicídio, ao contrário dos restantes comportamentos suicidários, os sujeitos têm uma intenção de morte nula ou muito baixa. Este tipo de comportamento suicidário é dos mais difíceis de ser estudado, havendo ainda pouco consenso na literatura no que toca à definição do mesmo (<http://www.nes.pt/index.php?ID=8760>, 2013).

Os comportamentos para-suicidas são todos aqueles que o indivíduo exerce sobre si de modo a provocar alterações quer física quer psicologicamente, de forma voluntária e consciente. É importante referir que este tipo de comportamentos revelam que o sujeito se encontra em sofrimento psicológico (<http://www.nes.pt/index.php?ID=8760>, 2013).

Podemos definir ideação suicida como sendo um conjunto de cognições e comportamentos, em que o sujeito tem o intuito de terminar com a sua vida. Estas cognições

poderão ir de pensamentos genéricos acerca da morte até à forma de como irá cometer o suicídio (Saraiva, 1999; Ferreira e Castela, 1999; Sampaio, 1991, cit in Gouveia-Pereira et al., 2012).

Quanto ao suicídio, consiste em tudo o que está relacionado com comportamentos suicidas, pensamentos suicidas, suicídio consumado e todos os pedidos que o sujeito faz até concretizar o suicídio (Bridge, Goldenstein & Brent, 2006).

Feita esta pequena introdução em que distinguimos os vários comportamentos suicidas, pensamos estar prontos a desenvolver de uma forma mais clara o presente ponto, em que faremos a ponte entre os vários comportamentos suicidas com a situação profissional da família, bem como os impactos ao nível emocional e de funcionamento familiar que estão adjacentes à relação entre ambos.

Na literatura, podemos observar em vários estudos que a situação profissional é um factor que nos indicia mudanças económicas na sociedade e encontra-se relacionada com os níveis de saúde mental dos sujeitos, sendo também considerado um factor predictivo de comportamentos suicidas e ideação suicida. (Ceccherini-Nelli & Priebe, 2011; Classen & Dunn, 2012; Chen et al, 2012; Lundin, Lundberg., Allebeck & Hemmingsson, 2012; Ostamo & Lönnqvist, 2001, Yur'yev et al., 2012).

Existem, contudo, alguns estudos que afirmam que esta relação entre a situação profissional, os comportamentos e ideação suicida é apenas causal, não sendo a situação profissional causadora “directa” de comportamentos suicidas (Agerbo, 2003; Blakely et al., 2003; Kraut & Walld, 2003, cit in Yur'yev et al., 2012). Como veremos mais à frente, para além do impacto que o desemprego e a pressão económica têm na ideação suicida e restantes comportamentos suicidários dos vários elementos do sistema familiar, serão também explicitados os impactos que estes têm no que concerne ao funcionamento familiar, e qual a interacção entre esta relação.

Yur'yev et al., (2012) no seu estudo, demonstram-nos que o desemprego também tem impacto ao nível dos comportamentos para-suicidas, no sentido em que este tipo de situação profissional leva a que os sujeitos tenham uma maior propensão para aumentar os consumos de álcool, tabaco, drogas e outro tipo de hábitos de risco, levando à diminuição de qualidade de vida, nível de saúde no geral e saúde mental. Um outro facto apontado é o da incerteza quanto ao futuro provocado pelo desemprego, que leva a um aumento significativo dos níveis de *stress*, o que causa não só um aumento dos comportamentos acima referidos como também um aumento dos restantes comportamentos suicidas.

Iremos agora abordar o impacto que a pressão económica – nomeadamente o desemprego e a crise económica daqui decorrente – têm no que toca ao funcionamento familiar

e à ideação suicida e restantes comportamentos suicidas nos indivíduos pertencentes ao sistema familiar.

A crise económica e o desemprego provocam normalmente uma diminuição da socialização por parte dos membros da família com o mundo externo, havendo assim um maior fechamento entre a família e o meio envolvente a esta, em parte, devido ao decréscimo da posição social da família e do estigma que eventualmente o desemprego poderá trazer ao sistema familiar. Todos estes factores levam a um aumento de comportamentos suicidas nos membros da família (Kölves, 2010; Yur'yev et al., 2012).

A investigação demonstra-nos que quando há muita pressão económica na família, existem maiores níveis de *stress* emocional, disrupções familiares, quebras e conflitos nas relações entre pais e filhos e dificuldades ao nível da capacidade de adaptação dos filhos. A crise económica tem assim não só um impacto negativo ao nível da relação conjugal, como também nas relações entre pais e filhos e no bem-estar psicológico de todos os elementos do sistema familiar (Stein et al., 2011).

Recentemente, chegou-se à conclusão que a pressão económica e o desemprego a que as famílias são submetidas têm um impacto significativo no que concerne a possíveis patologias das figuras parentais, estilos parentais, abusos físicos, aumento dos níveis de agressividade e ideação suicida, que poderão ser uma causa indirecta da ideação suicida na adolescência.

Um dos factos que também tem sido estudado e que se observa, passa pelo desemprego e pela pressão económica, que têm um enorme impacto no funcionamento familiar. De forma a clarificar esta ideia, apresentamos alguns exemplos que estes têm ao nível do sistema familiar. Os factores geradores de *stress* na família (por exemplo, a crise económica e a situação profissional da família) muitas vezes provocam alterações ao nível dos recursos da família, principalmente ao nível económico, influenciando assim as capacidades adaptativas das crianças e adolescentes, e tendo também relação com o aumento das dinâmicas familiares agressivas (Sinclair & Shortt, 2012; Yoder e Hoyt, 2005). Yur'yev et al., (2012) demonstram-nos também que o sistema familiar, ao se aperceber da diminuição de recursos da família e dos menores níveis de qualidade de vida, acaba não só por aumentar os índices de ideação suicida, como também levar ao aumento da probabilidade do sujeito consumir o suicídio.

No que toca ao aumento dos níveis de agressividade nos membros da família, eles advêm em parte da frustração que os sujeitos vão adquirindo devido ao facto de não conseguirem encontrar emprego. Estes níveis de agressão e auto-agressão que vão surgindo nos indivíduos provocam uma resposta emocional propensa a despoletar comportamentos e ideação suicida nos sujeitos ou reforçar a ideação suicida, quando esta já é existente, ajudando a

perceber os níveis de mortalidade por suicídio em pessoas que perderam o seu emprego ou que estão em risco de o perder (Yur'yev et al., 2012).

As práticas parentais, a capacidade de resolução de problemas e o uso da disciplina aparecem associados ao contexto económico em que a família está inserida. Nos casos das famílias mais susceptíveis à pressão económica, podem surgir vulnerabilidades no que concerne às práticas parentais, capacidade de resolução de problemas e o uso da disciplina, fazendo assim a ponte entre a pressão económica e os comportamentos de risco na adolescência (Sinclair & Shortt, 2012).

O impacto da pressão económica tem repercussões nas famílias ao nível do seu funcionamento, caso este não se encontre bem definido ou coeso na família. Poderá levar também a que os adolescentes se tornem mais agressivos e com problemas nas suas capacidades adaptativas, podendo então ocorrer um aumento dos comportamentos de risco. Relativamente aos pais, há um aumento da hostilidade e alteração nas suas práticas parentais. Ocorrem também alterações nas relações entre irmãos (Skinner et al., 1992; Conger et al., 1991; Conger et al., 1994; Simon et al., 1994; Barrera et al., 2002; Williams et al., 2007; De Haan et al., 2010, cit in Sinclair e Shortt, 2012).

O modelo de *stress* familiar tem também um contributo preponderante na explicação do (dis)funcionamento familiar, ou seja, a percepção que cada pessoa tem acerca de determinado acontecimento é a que vai prevalecer sempre que se dá esse acontecimento. Assim, a percepção e interpretação que a família tem de dado acontecimento, determinará a forma como a família irá gerir o *stress*. Se a família tiver uma percepção positiva acerca da sua situação financeira, terá maior facilidade em gerir e se adaptar à sua situação, seja esta positiva ou negativa (Sano et al., 2008).

As capacidades de *coping* e as percepções de cada indivíduo são factores determinantes para quebra deste ciclo. Existem vários estudos que fazem a associação entre a pobreza, o baixo estatuto socioeconómico e a saúde mental. As conclusões a que se chegaram foi a de que as famílias com maiores necessidades económicas apresentavam menor saúde mental comparativamente com as famílias de maior estatuto socio-económico. Tal facto pode acontecer devido às famílias de baixo estatuto socioeconómico terem um *stress* adicional devido às preocupações em pagar contas e preencher as necessidades dos membros da família (Stromwall, 2001 cit in Sano et al., 2008).

No que concerne à relação entre o próprio casal, podem ocorrer mudanças no estilo relacional, devido ao impacto da crise económica, levando a uma posterior alteração no estilo relacional com os próprios filhos e a alterações nas dinâmicas familiares, tal como nos diz o

estudo de Maisel e Karney (2012). Os autores referenciam que a pressão económica a que os casais estão sujeitos poderá afectar os eventos stressantes vivenciados pelos casais, intensificando-os, o que pode levar a uma saúde mental mais pobre e afectar a satisfação que o casal tem em relação ao seu relacionamento amoroso. Conclui-se então, que existe uma correlação positiva entre a pressão económica e os eventos de vida stressantes, e que estes têm uma influência significativa na satisfação e na qualidade da relação do casal, acabando por se reflectir em toda a estrutura e funcionamento familiar.

Segundo as perspectivas desenvolvimentais, a crise económica e a recessão têm um impacto ainda mais significativo em famílias com adolescentes e jovens adultos, pois esta dificulta os processos de autonomia dos mesmos, como também a sua independência financeira em relação aos pais, que só sentem que “cumpriram a missão” quando os seus filhos conseguirem a sua própria independência económica e autonomia (Stein et al., 2011).

4. OBJECTIVOS E HIPÓTESES DE ESTUDO

Com base na revisão de literatura apresentada nos capítulos anteriores, este estudo tem como principal objectivo perceber o impacto económico no funcionamento familiar e ideação suicida nos elementos da família. Assim, estabelecemos como principais hipóteses:

- 1) Os níveis de ideação suicida variam em função da situação profissional da família (com emprego/sem emprego) e os membros da família (mãe vs pai vs filho adolescente);
- 2) A situação profissional da família (com emprego/ sem emprego) está relacionada com a ideação suicida, sendo que esta relação é mediada pelo funcionamento familiar (funcional vs disfuncional);

MÉTODO

1. Participantes

Os participantes foram seleccionados por conveniência, obtida a partir do efeito “bola de neve”. Este método de amostragem consiste na escolha de um grupo inicial de sujeitos para participar no estudo, sendo-lhes pedido que identifiquem outros elementos que tenham o mesmo tipo de características. Posteriormente esses mesmos sujeitos são contactados pelo investigador para participarem no estudo. Este processo é repetido quantas vezes forem necessárias. Assim, a presente amostra é constituída por 28 agregados familiares, cada um composto por três elementos: pai, mãe e filho adolescente. Ou seja, 56 pais e 28 filhos perfazendo um total de 84 participantes.

As famílias participantes no estudo provêm de dois locais diferentes: Lisboa e Almeirim. No que toca a percentagens, 60,7% (17 famílias) residem em Lisboa e 39,3% (11 famílias) residem em Almeirim (Tabela 1), sendo todos os elementos de nacionalidade portuguesa.

Tabela 1 - *Distribuição da Amostra Segundo o Local de Residência*

	Número de Famílias	Percentagem
Lisboa	17	60,7%
Almeirim	11	39,3%
Total	28	100%

No que toca à faixa etária dos participantes, a idade dos pais encontra-se entre os 36 e os 59 anos de idade ($M = 46.68$; $DP = 5.031$) (Anexo – Tabela 1) e a idade dos filhos encontra-se entre os 14 e os 18 anos de idade ($M = 16,64$; $DP = 1.367$) (Anexo – Tabela 2).

Para facilitar a análise de resultados, foi criada a variável “*Situação Profissional Familiar*”, que categoriza as famílias participantes em dois grupos: as famílias em que ambos os cônjuges estão empregados (*Com Emprego*) e as famílias em que pelo menos um dos

cônjuges se encontra no desemprego (*Sem Emprego*). É possível verificar, então, que 14 famílias (50%) estão na situação de “*Sem Emprego*”.

2. Instrumentos

2.1. Questionário Sociodemográfico

Como instrumento de recolha de dados, foi utilizado um questionário sociodemográfico para a recolha de informação geral acerca do sistema familiar, nomeadamente, idade, género, habilitações literárias, situação profissional dos elementos da família e situação económica.

2.2. *FACES IV - Escala de Adaptabilidade e Coesão* (Olson, Goral & Tiesel, 2006)

Para o presente estudo, utilizou-se a quarta versão da Escala de Adaptabilidade e Coesão (Olson, Goral & Tiesel, 2006). Há a referir que esta se encontra, actualmente, em processo de validação para a população portuguesa (Gouveia-Pereira, Coutinho, Gomes, Martins & Miranda, 2013). Optou-se por esta versão uma vez que esta acrescenta subescalas que nos demonstram de uma forma mais precisa e próxima da realidade as várias dimensões do funcionamento familiar referido no Modelo Circumplexo.

Esta escala é constituída por 62 itens que remetem para 4 dimensões: coesão, flexibilidade, comunicação e satisfação. Está, ainda, dividida em 6 subescalas: coesão e flexibilidade equilibradas, coesão desagregada, aglutinada, flexibilidade rígida e caótica. Estas subescalas são compostas por 7 itens. A escala de resposta é do tipo Likert, com cinco níveis em todas as subescalas. No que concerne às subescalas de Coesão, Flexibilidade e Comunicação, a escala de resposta varia de 1 – “*Discordo Fortemente*” – a 5 – “*Concordo Fortemente*”.

Tabela 2 – *Fidelidade das subescalas do FACES IV*

Subescalas FACES IV	Média	Desvio Padrão	Alpha de Cronbach
Coesão Equilibrada	3.88	0.81	0.822
Coesão Desagregada	2.47	0.97	0.820
Coesão Aglutinada	2.47	0.90	0.678
Flexibilidade Equilibrada	3.61	0.85	0.609
Flexibilidade Rígida	3.07	0.97	0.783
Flexibilidade Caótica	2.36	0.87	0.861
Comunicação Familiar	3,65	0.78	0.904
Satisfação Familiar	3,39	0.91	0.932

Assim, como se subentende, esta escala tem como principal objectivo medir o funcionamento familiar ao nível da sua coesão, flexibilidade e comunicação, de acordo com o Modelo Circumplexo de Olson. Este modelo permite classificar as famílias em seis tipos: famílias equilibradas; famílias rigidamente equilibradas, famílias médias, famílias flexivelmente desequilibradas, famílias caoticamente desligadas e famílias desequilibradas. No que concerne às características psicométricas da escala FACES IV, obtivemos os seguintes valores: Coesão Equilibrada ($\alpha=.822$) (ex: “*Os membros da minha família estão envolvidos nas vidas uns dos outros.*”), Flexibilidade Equilibrada ($\alpha=.609$) (ex: “*A nossa família tenta novas formas de lidar com os problemas.*”), Coesão Desagregada ($\alpha=.820$) (ex: “*Nós damo-nos melhor com pessoas de fora da nossa família do que com as de dentro.*”), Coesão Aglutinada ($\alpha=.678$) (ex: “*Nós passamos “demasiado” tempo juntos.*”), Flexibilidade Rígida ($\alpha=.609$) (ex: “*Na nossa família, há consequências rigorosas para quem quebra as regras.*”), Flexibilidade Caótica ($\alpha=.861$) (ex: “*Na nossa família, parece que nunca nos conseguimos organizar.*”), Comunicação Familiar ($\alpha=.904$) (ex: “*Os membros da minha família são capazes de pedir uns aos outros o que querem.*”) e Satisfação Familiar ($\alpha=.932$) (ex: “*A capacidade da minha família, para lidar com o stress.*”) (Tabela 4).

É importante fazer a ressalva de que as dimensões comunicação e satisfação não serão alvo da análise que posteriormente se irá realizar, uma vez que estas não vão de encontro às hipóteses em estudo.

2.4. QIS – Questionário de Ideação Suicida (Ferreira & Castela, 1999)

Este questionário é constituído por 30 itens (ex: “*Pensei que seria melhor não estar vivo*” e “*Pensei em como seria fácil acabar com tudo.*”), sendo disponibilizadas sete alternativas de resposta de modo a avaliar a frequência de ocorrência de ideação suicida. O tipo de resposta varia entre “*Nunca pensei nisto*” (1), até “*Quase todos os dias*” (7).

A análise que iremos fazer para o presente estudo será realizada a partir das médias dos valores obtidos por cada sujeito participante. Este questionário tem como principal objectivo demonstrar qual a gravidade das cognições suicidas em adolescentes e adultos, hierarquizando essas cognições relativas ao suicídio entre pouco e muito graves. É importante salientar que quanto mais elevados forem os valores obtidos neste questionário, maiores são os índices de ideação suicida, sendo o resultado final obtido pelo somatório dos itens respondidos na escala de resposta. Assim, a relativamente aos dados obtidos por todos os sujeitos participantes (pais e filhos), obtivemos as seguintes informações: $M = 1.78$; $D.P = 1.10$ (Tabela 3)

A todos os participantes do estudo, foi pedido que respondessem ao Questionário de Ideação Suicida, ao qual se obteve um valor de consistência interna muito elevado ($\alpha = .982$) (Tabela 3).

Tabela 3 – *Consistência Interna – Questionário de Ideação Suicida*

Alpha de Cronbach	N.º de Itens	Média	Desvio Padrão
0.982	30	1.78	1.10

3. Procedimento

Ao entrarmos em contacto com pelo menos um dos membros da família do participante, foi-lhe explicado os principais objectivos da investigação, assim como em que consistia a tarefa que os elementos da família iriam realizar e o tempo que o questionário levaria, em média, a ser respondido. Foi também clarificado ao participante que o questionário era anónimo, sendo

garantida a confidencialidade de todas as informações recolhidas, as quais apenas seriam utilizadas para fins de investigação, sem que em algum momento fossem revelados dados que identificassem a família.

Após explicadas todas as instruções para o correcto preenchimento dos questionários, foram entregues três envelopes ao participante, com três questionários diferentes: um para o participante, outro para o cônjuge do participante e outro para o filho adolescente. Assim, foi solicitado ao participante que respondesse, no momento, ao seu próprio questionário e o deixasse com o investigador. Após o preenchimento do questionário, era pedido ao participante que entregasse o envelope correspondente ao do cônjuge e ao do filho adolescente, sendo reforçada a importância do preenchimento individual e independente sob pena dos questionários da família serem anulados por não serem válidos para a investigação.

Os questionários entregues aos participantes eram compostos por uma folha de rosto, em que o participante era novamente informado acerca da investigação, das condições da participação e instruído para o correcto preenchimento dos mesmos. Seguidamente, é apresentado um questionário socio-demográfico. Após o preenchimento do questionário socio-demográfico, os participantes responderam à escala FACES IV e, por último, ao Questionário de Ideação Suicida.

Foi combinado com o elemento da família, a quem eram entregues os questionários, uma data e um local para a recolha dos mesmos, respondidos pelos restantes membros da família, e foi disponibilizado um contacto caso surgisse alguma dúvida durante esse período de tempo.

Para a análise dos dados, foram realizados testes estatísticos em que optámos pela utilização de testes paramétricos, tendo por base o pressuposto de que em amostras superiores a 30 sujeitos é dispensada a verificação dos pressupostos de normalidade na aplicação de testes paramétricos de comparação de médias (Pestana & Gageiro, 1998).

Uma vez que os testes T-Student e ANOVA são considerados testes suficientemente robustos, foi considerado que nos possíveis casos em que fossem violados os pressupostos de normalidade e de homogeneidade, as consequências seriam mínimas no que toca à análise e interpretação dos dados (Pestana & Gageiro, 1998).

Quanto às análises que seguidamente apresentaremos, todas elas foram realizadas com recurso ao *software* SPSS Statistics (v.20, Chicago, IL). Para todas as análises efectuadas, assumimos como valor de referência uma probabilidade de erro tipo I $\alpha = 0.05$.

RESULTADOS

1. Operacionalização da Escala FACES IV

Olson (2011), ao criar esta quarta versão da escala FACES, introduz a possibilidade de transformar os dados obtidos nesta escala em rácios das várias subescalas e por fim calcular o rácio do funcionamento familiar, sendo que nas anteriores versões tal não era possível. A possibilidade de criar estes rácios, permite-nos aceder de uma forma mais precisa ao tipo de funcionamento familiar dos participantes. Este método de transformação de dados é utilizado principalmente para fins de investigação.

Os valores dos rácios obtidos com os dados fornecidos pela escala variam entre 0.2 e 5, sendo que o 1 corresponde ao nível que nos ajuda a perceber a funcionalidade ou disfuncionalidade. Assim, valores superiores a um indicam um melhor funcionamento familiar enquanto valores inferiores a um indicam maior disfuncionamento familiar. Quanto mais afastados de 1, melhor ou pior é o funcionamento familiar.

No quadro 1, explicitamos as fórmulas que nos permitem calcular os diferentes rácios:

Quadro 1 – Fórmulas para o Cálculo dos Rácios

$$\text{Rácio de Coesão} = \text{Coesão Equilibrada} / \frac{(\text{Coesão Desagregada} + \text{Coesão Aglutinada})}{2}$$

$$\text{Rácio de Flexibilidade} = \text{Flexibilidade Equilibrada} / \frac{(\text{Flex. Rígida} + \text{Flex. Caótica})}{2}$$

$$\text{Rácio do Funcionamento Familiar} = \frac{\text{Rácio de Coesão} + \text{Rácio de Flexibilidade}}{2}$$

2. Análise Descritiva

2.1. Análise Descritiva dos Rácios do Modelo Circumplexo de Olson

De modo a analisarmos mais detalhadamente os dados obtidos através desta escala, foram realizadas correlações entre os três rácios para percebermos melhor o modelo

anteriormente explicitado e a forma como este funciona. Assim, como podemos observar, tal como Olson (2011) sugere, os rácios estão positivamente correlacionados, levando-nos a concluir que a Coesão Familiar está associada à flexibilidade familiar e vice-versa.

Tabela 4 – *Correlações de Pearson entre os Rácios do Modelo Circumplexo*

Rácios do Modelo Circumplexo	I	II	III
I – Rácio de Coesão Familiar	-		
II – Rácio de Flexibilidade Familiar	,751**	-	
III – Rácio de Funcionamento Familiar	,953**	,916**	-

** . $p < 0.01$ level

Analisando o funcionamento familiar das famílias que participaram no nosso estudo, podemos observar que no que concerne ao Rácio de Coesão familiar, apenas 6 sujeitos demonstram níveis de coesão mais desequilibrada (valores menores que 1), enquanto que 78 participantes apresentaram níveis de coesão mais equilibrados (valores maiores ou iguais a 1). Relativamente aos rácios de Flexibilidade Familiar, podemos observar que 14 participantes apresentam Rácios de Flexibilidade Familiar desequilibrados, ou seja, com valores inferiores a 1, enquanto que 70 sujeitos apresentavam valores mais equilibrados, uma vez que nos demonstravam ter valores maiores ou iguais que 1. No que se refere aos Rácios Totais de Funcionamento Familiar, 6 elementos apresentam valores menos equilibrados pois obtiveram um rácio total inferior a 1, ao mesmo tempo que 78 participantes apresentam um rácio total equilibrado (tabela 7).

Tabela 5 – *Estatísticas de Frequências dos Rácios do Modelo Circumplexo*

Rácios do Modelo Circumplexo	Resultado	
	≥ 1	< 1
Rácio de Coesão Familiar	78	6
Rácio de Flexibilidade Familiar	70	14
Rácio de Funcionamento Familiar	78	6

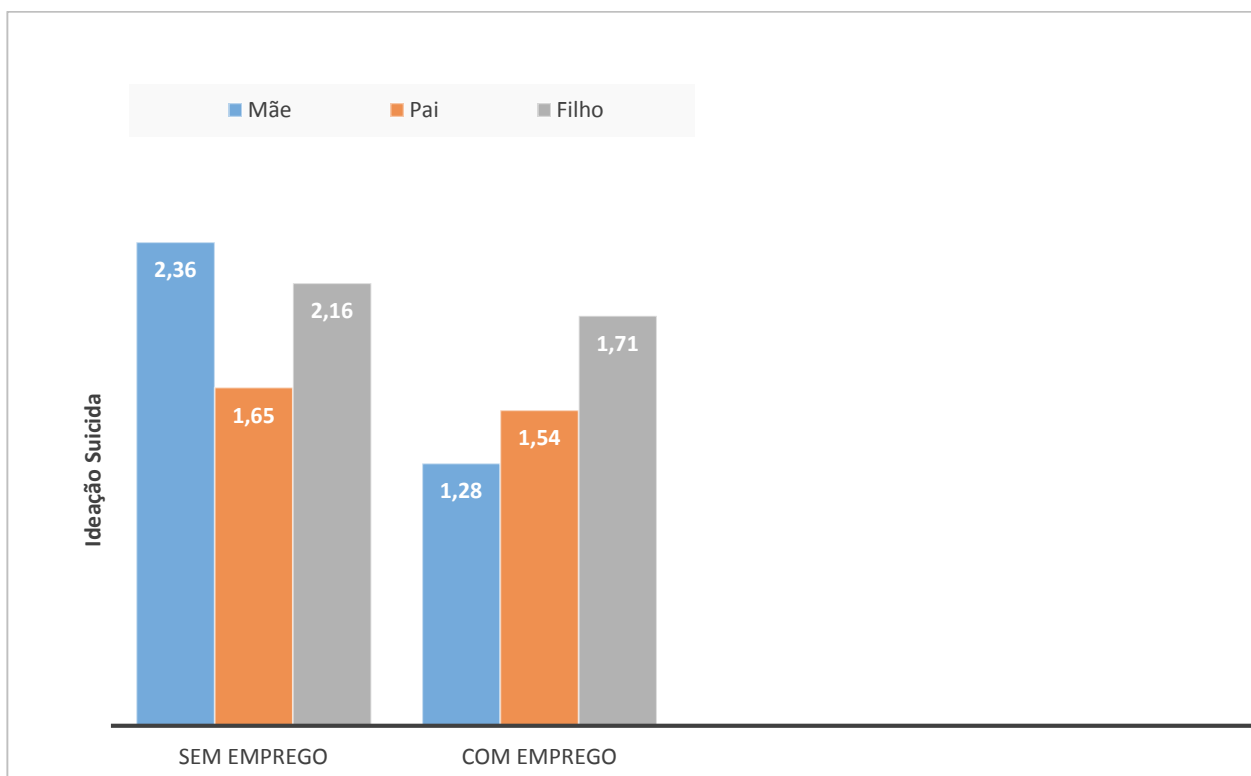
3. Análise dos Resultados

3.1. Situação Profissional Familiar e Ideação Suicida

De modo a percebermos de que modo a situação profissional familiar se relaciona com a ideação suicida da família e se há diferenças significativas entre cada um dos elementos do sistema familiar, foi realizada uma ANOVA – Two Way. A partir desta análise, concluímos que as famílias em que pelo menos um dos elementos entra no desemprego, apresentam maiores níveis de ideação suicida comparativamente às famílias em que ambos os elementos trabalham ($t(82)= 2,33$, $p =0.022$) (Gráfico 1).

Uma vez que já sabemos que os níveis de ideação suicida variam de acordo com a situação profissional familiar, tentámos também perceber se estes níveis variam conforme o elemento da família e se existem efeitos de interacção. Foi realizada, por conseguinte, uma ANOVA-Two-Way em que podemos confirmar efectivamente que a situação profissional da família tem efeito muito significativo ($F(1, 78)=5.48$, $p=.022$) na ideação suicida, não havendo no entanto quaisquer efeitos de interacção entre os vários elementos da família (Gráfico 1)

Gráfico 1 – *Relação Entre Situação Profissional Familiar e Ideação Suicida*



Tendo em conta os resultados acima explicitados, é confirmada a nossa primeira hipótese de investigação: *Os níveis de ideação suicida variam em função da situação profissional da família (com emprego/sem emprego) e os membros da família (mãe vs pai vs filho adolescente)*, pois os níveis de ideação suicida são mais elevados nas famílias em que pelo menos um dos elementos se encontra no desemprego.

3.2. Situação Profissional e Funcionamento Familiar

De modo a conseguirmos dar resposta à segunda hipótese em estudo, *a situação profissional da família (com emprego/ sem emprego) está relacionado com a ideação suicida, sendo que esta relação é mediada pelo funcionamento familiar (funcional vs disfuncional)*, numa primeira análise, tentou perceber-se se existem diferenças significativas nas médias dos rácios de funcionamento familiar, tendo em conta a situação profissional da família. Foi, portanto, realizado um teste t-student para percebermos se essas diferenças efectivamente existiam ou não. Concluímos que as médias dos rácios de funcionamento familiar são significativamente diferentes quanto à situação familiar, ou seja, famílias em que todos os membros têm emprego demonstram um funcionamento familiar mais equilibrado ($t(82) = -2,409, p = 0.018$).

Seguidamente, apresentaremos as correlações entre as variáveis em estudo para que possamos prosseguir a análise da segunda hipótese, ajudando-nos deste modo a compreender se o funcionamento familiar se encontra significativamente relacionado com os valores de ideação suicida na família.

Assim, nas correlações entre o Rácio de Coesão, Rácio de Flexibilidade e Rácio total, podemos observar que a ideação suicida se encontra correlacionada com todos os rácios.

Tabela 6 - *Análise das Correlações de Pearson entre Ideação Suicida, Rácio de Coesão, Rácio de Flexibilidade e Rácio de Funcionamento Familiar*

	Rácio de Coesão	Rácio de Flexibilidade	Rácio de Funcionamento Familiar
Ideação Suicida	-,450**	-,339**	-,429**

**p < 0.01

3.4. Funcionamento Familiar como Variável Mediadora da Relação entre a Situação Profissional Familiar e a Ideação Suicida

Após estas análises, estamos aptos para fazer uma análise mais complexa para podermos responder à nossa terceira hipótese: “*A situação profissional da família (com emprego/ sem emprego) está relacionado com a ideação suicida em que esta relação é mediada pelo funcionamento familiar (modelo circunflexo).*”

Por forma a criar a nossa variável de mediação, foi necessário transformarmos a variável Rácio de Funcionamento Familiar em Rácio_Total_MC (Mean Centered). Para tal, foi realizada uma centração à média, ou seja, $(X_i - X(\text{média}))$ obtivemos a média do Rácio de Funcionamento ($\pi = 1.504$) e criamos nova variável da seguinte forma: Racio_TOTAL_MC (Mean Centered) Transform – Racio_Total – 1,50.

Por último, definimos a nossa variável dependente, a ideação suicida.

Posto isto, de modo a podermos responder à hipótese acima referida, seguiremos o método proposto por Baron & Kenny (1986). Tal como este método de análise nos sugere, os dados devem cumprir com quatro condições que nos permitirão aplicar este modelo, e que seguidamente explicitamos.

No que toca à primeira condição, centra-se no pressuposto de se verificar numa primeira análise de regressão linear se existe um efeito significativo entre a variável dependente e a variável mediadora. Para verificarmos a mesma, foi realizada uma análise de regressão linear, em que foi colocada na variável independente a “*Situação Profissional da Família*” Aqui podemos observar que estas variáveis estão significativamente associadas ($\beta = .257, p = .018, R^2_a = .055$) e assim verificar a primeira condição sugerida pelos autores.

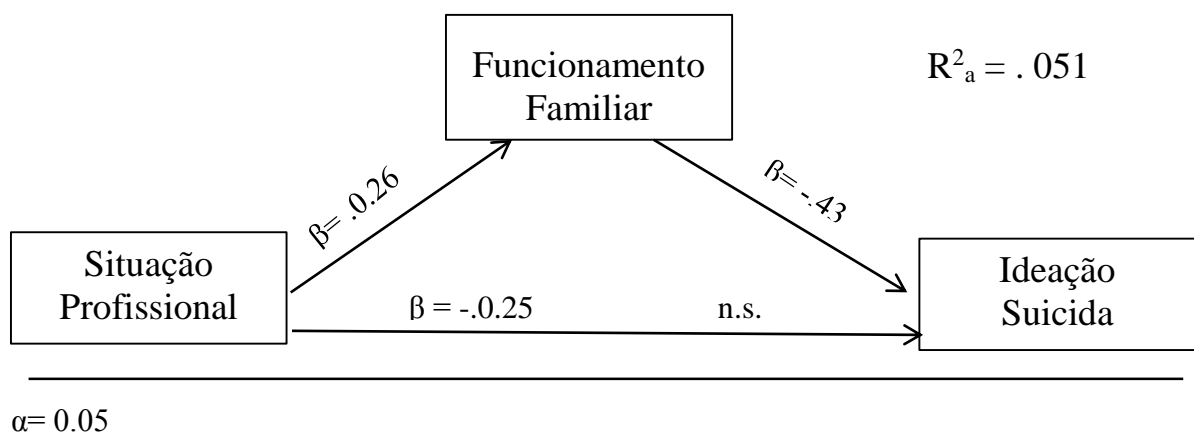
Satisfeita a a primeira condição, passamos então à análise da segunda condição que consiste numa nova análise do modelo de regressão linear, pela qual iremos testar o efeito que existe entre a variável dependente e a variável independente. Após a realização desta análise podemos verificar que o efeito entre as duas variáveis é estatisticamente significativo ($\beta = -.250, p = .022, R^2_a = .051$), sendo assim satisfeita a segunda condição.

Analisando a terceira condição proposta por Baron & Kenny (1986), esta pressupõe que é necessária uma última análise de regressão linear, tendo esta de ser realizada através do método de selecção *stepwise* para confirmarmos se a variável mediadora tem ou não um efeito estatisticamente significativo sobre a variável dependente. Assim, concluímos que o funcionamento familiar tem um efeito estatisticamente significativo na ideação suicida ($\beta = -$

,429 , $p = .000$, $R^2_a = .174$). Por fim, e com vista a poder ser confirmada esta terceira condição, é suposto que o efeito da variável independente diminua sobre a dependente. Observamos que efectivamente acontece tal facto, havendo uma diminuição significativa deste efeito ($\beta = - .149$, $p = .150$) e como tal vemos então a terceira condição confirmada.

Uma vez verificadas todas as condições propostas pelos autores, estamos aptos a realizar o teste Z de Sobel. Concluimos que a diminuição do efeito da situação profissional da família sobre a ideação suicida da segunda para a última análise de regressão linear é estatisticamente significativa ($Z = -2.08$, $p = 0.037$). Concluimos, por ora, que há um modelo de mediação total entre as variáveis analisadas, querendo isto dizer que a variável Funcionamento Familiar é mediadora da relação entre a situação profissional familiar e a ideação suicida e, assim, a nossa segunda hipótese é confirmada. (Figura 1)

Figura 1 – *Modelo de Mediação*



DISCUSSÃO

O tema abordado neste trabalho, para além de ser actual, é ainda pouco estudado na literatura. Posto isto, o nosso mote prende-se não só com o facto de melhor compreendermos a relação entre o funcionamento familiar e a ideação suicida, como também compreendermos a influência que o desemprego tem no funcionamento familiar e na ideação suicida.

Assim, numa linha geral de análise, com este estudo podemos constatar que existe uma relação significativa no que toca ao impacto do desemprego na ideação suicida e que esta relação é mediada pelo funcionamento familiar. Verificamos também que a situação profissional em que a família se encontra afecta não só o funcionamento familiar, como também os índices de ideação suicida dos membros do sistema familiar. Famílias em que pelo menos um dos elementos se encontra no desemprego descrevem um funcionamento mais disfuncional, tal como maiores índices de ideação suicida, comparativamente às famílias em que os elementos se encontram empregados.

1. Situação Profissional da Família e Ideação Suicida

Ao analisarmos e confirmarmos a nossa primeira hipótese de investigação, chegamos à conclusão que famílias sem emprego apresentam maiores índices de ideação suicida quando comparadas às famílias com emprego, indo assim ao encontro da literatura, que nos diz que os sujeitos que se encontram no desemprego têm normalmente menos estratégias de *coping*, levando ao aumento do risco de suicídio (Sano et al., 2008).

Alguns autores também referem que o desemprego é considerado como um dos factores que maior impacto tem nos índices de suicídio quando comparado com outros factores de pressão económica nas famílias e nos indivíduos (Ceccherini-Nelli & Priebe, 2011; Classen & Dunn, 2012; Chen et al, 2012; Lundin, Lundberg., Allebeck & Hemmingsson, 2012; Ostamo & Lönnqvist, 2001).

No decorrer da análise desta hipótese, tentou-se também compreender as implicações que o desemprego tinha nos índices de suicídio e na ideação suicida de toda a família, de modo a colmatar a falha que existe na literatura quanto a esta questão. Esta falha identificada deve-se ao facto de que os estudos já publicados centrarem-se na sua grande maioria no impacto do desemprego nos índices de suicídio dos desempregados, sendo assim descurado o impacto que o desemprego tem na família do desempregado. Neste trabalho, pretendemos clarificar esta relação desemprego-suicídio, abordando-a tendo em consideração a família como um todo e,

portanto, as implicações que o desemprego e a sua relação com o suicídio têm no sistema – e não apenas nas implicações que tem para o(s) indivíduo(s) no desemprego.

De um ponto de vista mais cognitivo, é de salientar a forma como o sistema familiar lida e percebe a pressão económica e o desemprego. Queremos com isto dizer que se a família encara a pressão económica e o desemprego de uma forma mais positiva e como uma etapa que posteriormente poderá vir a trazer melhores condições laborais e melhores condições económicas, será mais fácil para estes criarem estratégias de forma a lidarem melhor com o desemprego e a pressão económica. Por outras palavras, quanto melhores os recursos psicológicos da família, mais adaptativamente a família vivencia a crise gerada pelo desemprego e pressão económica (Sano et al., 2008).

Um outro ponto de análise prende-se com o facto de não existirem diferenças significativas na ideação suicida no que toca ao elemento da família (pai, mãe e filho adolescente).

Parece-nos que estes resultados podem ser explicados à luz do seguinte: ao existir ideação suicida e/ou comportamentos suicidas, num determinado membro da família, principalmente se forem as figuras parentais, os restantes membros têm uma grande probabilidade de internalizarem este tipo de cognições, em particular os filhos adolescentes.

Podemos então concluir que a nossa primeira hipótese foi confirmada.

2. Situação Profissional, Funcionamento Familiar e Ideação Suicida

Os resultados relativos à nossa segunda hipótese mostram que existem diferenças significativas entre o funcionamento familiar de um sistema em que pelo menos um dos elementos se encontra no desemprego, comparativamente ao funcionamento de uma família com emprego. Assim, as famílias em que não existe desemprego descrevem um funcionamento menos disfuncional em relação às que estão no desemprego.

No que toca a esta relação já verificada quer pelo nosso estudo como também na revisão de literatura, percebemos que a relação entre o desemprego e o funcionamento familiar se prende com inúmeros factores relacionados com o sistema familiar, em que os níveis de *coping* e de adaptação dos membros da família têm um enorme impacto na forma como a família irá reagir, contornar e “funcionar” perante este elemento gerador de crise e *stress* no sistema.

Nas análises realizadas ao longo desta investigação, podemos observar que existe uma relação significativa entre o funcionamento familiar e a ideação suicida, ou seja, concluímos

que quanto menor for a ideação suicida dos indivíduos da família melhor é o seu funcionamento familiar. Concluímos também que existe uma relação entre a ideação suicida e os níveis de coesão e flexibilidade familiar, sendo que essa relação era mais acentuada nos níveis de coesão. Através da mesma análise, percebemos que quanto mais extremos fossem os níveis de coesão e de flexibilidade, maiores seriam os níveis de ideação suicida.

No que toca à coesão, temos como níveis mais extremos a coesão desligada e a coesão emaranhada. Nestes extremos, os níveis de ideação suicida são superiores, comparativamente aos outros níveis de coesão. Relativamente à flexibilidade, acontece o mesmo, ou seja, nos extremos flexibilidade rígida e flexibilidade caótica os níveis de ideação suicida são maiores, comparativamente aos restantes níveis. Estes resultados vão de encontro ao modelo circunplexo proposto por Olson (2006), o que nos leva a concluir que as famílias que apresentam um funcionamento familiar mais equilibrado respondem mais adaptativamente e com melhores recursos a eventos de maior crise e *stress*, quando colocadas a lado com as famílias que se encontrem no extremo oposto, que apresentam estratégias mais rudimentares e menor capacidade de adaptação e resposta a eventos de *stress* e crise familiar. Isto pode de algum modo explicar o facto de, nas famílias que apresentam um funcionamento mais disfuncional, haver maiores índices de ideação suicida.

Os estudos de Skinner et al., 1992; Conger et al., 1991; Conger et al., 1994; Simon et al., 1994; Barrera et al., 2002; Williams et al., 2007; De Haan et al., 2010, Sinclair e Shortt, 2012, vão também de encontro ao que o Modelo Circunplexo defende quanto ao funcionamento familiar; todos eles nos mostram que quando o funcionamento familiar não é muito coeso ou não se encontra bem definido, há uma maior tendência a comportamentos desadaptativos por parte dos elementos do sistema familiar, sendo que estes demonstram respostas mais desadequadas quando expostos a situações que reportam a um maior *stress*.

Analisando a nossa última hipótese de uma forma geral e tendo em conta o que até aqui foi esclarecido na presente discussão, podemos concluir que a situação profissional da família, afecta de forma significativa quer o funcionamento familiar, quer a ideação suicida. Verificou-se também que a relação entre a situação profissional da família e a ideação suicida é mediada pelo funcionamento familiar.

Ao vermos a nossa hipótese confirmada, foi-se de encontro ao estudo de Gouveia-Pereira et al. (2013) e desta forma, pensamos ter dado um contributo no que toca à falha existente na literatura no que toca a esta temática, uma vez que até ao momento esta foi pouco estudada.

Tentou-se não só de algum modo dar respostas a algumas questões que anteriores estudos já haviam levantado como também colocar novas questões no ar, contribuindo assim para o maior aprofundar desta tão complexa temática que é o suicídio. Tentamos fazer uma abordagem a este conceito de uma forma mais abrangente e holística, vendo este fenómeno não apenas na perspectiva de um único elemento, mas sim de todo o sistema familiar. Tentamos também perceber e abrir novos horizontes no que toca a este fenómeno tão recente, mas que tanto tem dado que falar na nossa sociedade e nas famílias, que é a crise económica, o desemprego e a pressão económica, sendo de grande importância de mais estudos destes fenómenos de modo a percebermos o verdadeiro impacto que este tem na nossa sociedade, nas famílias, nas vidas dos sujeitos e que alterações provocam estes fenómenos no nosso futuro enquanto sociedade, famílias e indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que toca às limitações da presente investigação, podemos apontar a pequena amostra, sendo que um maior número de famílias consistiria num maior número de dados, resultando, portanto, em análises mais fidedignas e passíveis de serem generalizadas para a população em geral. Como tal, sugerimos que em futuras investigações seja aumentado o número de famílias participantes no estudo.

Por outro lado, consideramos que a versão do teste utilizada para analisar o funcionamento familiar, que ainda se encontra em processo de validação para a população portuguesa, faz com que as suas qualidades psicométricas possam ser pouco fiáveis relativamente à avaliação das características familiares em estudo.

Ao avaliarmos o funcionamento familiar no seu todo, estamos, em parte, a limitar a análise no que toca às relações que os sujeitos estabelecem com cada um dos elementos do sistema familiar. Como tal, sugerimos que futuramente sejam também analisados, por exemplo, os tipos de vinculação entre cada um dos indivíduos, o estilo relacional que as figuras parentais mantêm, entre outros aspectos.

Creemos, ainda, que será importante a aferição de um instrumento que meça de forma fidedigna e precisa o impacto da crise e pressão económica no funcionamento familiar, de modo a aprofundar esta temática e o verdadeiro impacto desta nos agregados familiares e na sociedade em geral.

Um outro factor que pensamos ser importante que seja considerado em futuras investigações nesta temática passaria pelo facto do tempo de duração do desemprego ser também considerado uma das variáveis a analisar, de modo a percebermos se com a inserção desta variável, os resultados no que concerne ao funcionamento familiar e ideação suicida, seriam ou não diferentes, quanto maior fosse a duração do desemprego. Como pontos fortes, o nosso estudo consegue analisar todos os dados, partindo da percepção de todos os elementos de cada família, não se prendendo apenas às percepções de um único elemento, indo assim, de encontro aos pressupostos de uma investigação com contornos sistémicos. Assim, acreditamos que a presente investigação tem uma visão mais holística do impacto do desemprego no sistema familiar e consequentemente na ideação suicida dos sujeitos pertencentes a esses sistemas familiares. Tornando, desta forma, uma investigação mais próxima da realidade, vendo o sistema como um todo e não como uma percepção individual.

É, ainda, de grande relevância salientar o facto de que a presente dissertação de mestrado vem colmatar a falha existente na literatura face ao estudo do impacto do desemprego e da crise

económica no funcionamento familiar e a sua relação com a ideação suicida nos vários elementos da família, dando assim, resposta à pertinência desta investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Artazcoz, L., Benach, J., Borrell, C., & Cortes, I. (2004). Unemployment and mental health: understanding the interactions among gender, family roles, and social class. *Journal Information*, 94(1), 1-7.
- Bridge, J. A., Goldstein, T. R., & Brent, D. A. (2006). Adolescent suicide and suicidal behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47(3-4), 372-394.
- Ceccherini-Nelli, A., & Priebe, S. (2011). Economic factors and suicide rates: associations over time in four countries. *Social psychiatry and psychiatric epidemiology*, 46(10), 975-982.
- Chen, L., Li, W., He, J., Wu, L., Yan, Z., & Tang, W. (2012). Mental health, duration of unemployment, and coping strategy: a cross-sectional study of unemployed migrant workers in eastern china during the economic crisis. *BMC Public Health*, 12(1), 597.
- Classen, T. J., & Dunn, R. A. (2012). The effect of job loss and unemployment duration on suicide risk in the United States: a new look using mass-layoffs and unemployment duration. *Health Economics*, 21(3), 338-350.
- Ferreira, J. A. & Castela, M. C. (1999). Questionário de Ideação Suícida (Q.I.S.). In M. R. Simões, Gonçalves & Almeida (Eds), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (vol. II) pp. 123-130. Braga: Sistemas Organizacionais Lda.
- Gouveia-Pereira, M., Abreu, S., Martins, C. (2012) Como Funcionam as Famílias de Adolescentes com Ideação Suícida (*In press*)
- King, C., Merchant, C (2008) Social and Interpersonal Factors Relating to Adolescent Suicidality: A Review of the Literature, *Archives of Suicide Research*, 12 181-196
- Kouneski, E., (2000) The Family Circumplex Model, FACES II, And FACES III: Overview Of Research And Applications, *University of Minesota*, pp. 1-65
- Lundin, A., Lundberg, I., Allebeck, P., & Hemmingsson, T. (2012). Unemployment and suicide

in the Stockholm population: A register-based study on 771,068 men and women. *Public health*, 126(5), 371-377.

Maisel, N. & Karney, B. (2012). Socioeconomic status moderates associations among stressful events, mental health, and relationship satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 26 (4) pp. 654–660

Minuchin, S. (1979). *Familles en thérapie*. Paris: J.P. Delarge. (Obra original publicada em 1974).

Olson D. H., Gorall D. M. (2003). Circumplex Model of Marital and Family Systems, *Journal of Family Therapy*, 22 144-167

Olson D. H., Gorall D. M. (2006). FACES IV & the Circumplex Model. *Life Innovations, Inc.* (<http://www.facesiv.com/pdf/3.innovations.pdf>, consultado a 23 Dezembro 2012) 1-20

Olson D. H., Gorall D. M., & Tiesel, J. (2006). FACES IV: Development and Validation. *Life Innovations, Inc.* (www.facesiv.com, consultado a 23 Dezembro 2012)

Olson D. (2010) FACES IV & the Circumplex Model: Validation Study (in press) *Journal of Marital & Family Therapy*

Ostamo, A., & Lönnqvist, J. (2001). Attempted suicide rates and trends during a period of severe economic recession in Helsinki, 1989–1997. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 36(7), 354-360.

Pereira, C. (2011) Risco Suicidário em Jovens: Avaliação e Intervenção em Crise, *Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca*, 9(1) 11-23

Preacher J. (2013) Calculation for the Sobel Test - An interactive calculation tool for mediation tests. (<http://quantpsy.org/sobel/sobel.htm> consultado a 15 Novembro, 2013)

Relvas, A. (2000) *O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento

Renen, Lindsey & Wild, Lauren (2008), Family Functioning and Suicidal Ideation / Behavior in Adolescents: A Pilot Study, *Journal of Child and Adolescent Mental Health* 2008, 20(2): 111–121 .

Rothwell, D. W., & Goren, A. (2011). Exploring the relationship between asset holding and family economic strain. *Journal of Health and Social Behavior*, 40(1), 1-16.

Sabina L., Ryan S. & J. Shortt, (2012), The role of economic strain on adolescent delinquency: A microsocial process model. *Journal of Family Psychology*, 26 (4) pp. 576–584

Sano, Y., Sano, E., Richards, L., Bauer, J., Braun, B., Employment Patterns, Family Resources, and Perception: Examining Depressive Symptoms among Rural Low-Income Mothers *Journal of Rural Community Psychology*. E11(1)

Stein, C., et al. (2011), Family ties in tough times: How young adults and their parents view the U.S. economic crisis. *Journal of Family Psychology*, 25 (3) pp. 449–454

Wong, D., Leung, G., Lau, Y., Chang, Y. (2008) Mental health of migrant workers in China: prevalence and correlates. *Soc Psychiatry Psychiatr Epidemiol*, 43(6): pp. 483– 489.

Yur'yev, A., Värnik, A., Värnik, P., Sisask, M., & Leppik, L. (2012). Employment status influences suicide mortality in Europe. *International journal of social psychiatry*, 58(1), 62-68.

ANEXOS

Anexo A – Instrumento Aplicado aos Adultos

ISPA – IU

Dissertação de Mestrado

João Pena



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Lisboa, Junho de 2013

Exmo.(a). Senhor(a),

Eu, João Miguel Maurício Pena, aluno do 5.º ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do ISPA – IU –, venho por este meio solicitar a sua participação num projecto de investigação sobre o impacto da crise económica na vida familiar.

Para cumprir este objectivo, propomos que preencha este questionário, em que terá de responder a questões relacionadas com os pontos acima referidos. O preenchimento do questionário tem uma duração média de 20 minutos.

Garantimos o total anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados recolhidos. Durante o estudo serão respeitados todos os princípios éticos fundamentais. Comprometo-me também, a utilizar os dados recolhidos apenas para fins de investigação.

Obrigado pela sua colaboração,

Cumprimentos,

João Pena

(ISPA-IU)

Dados Biográficos:Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

Idade: ____ anos

Nacionalidade: _____

Local de Residência: _____

1. Escolaridade/Educação:

- | | |
|-------------------------------|--|
| 1. 1ºciclo (1ª a 4ª classe) | |
| 2. 2ºciclo (5º e 6º) | |
| 3. 3ºciclo (7º, 8º e 9º) | |
| 4. Secundário (10º, 11º, 12º) | |
| 5. Bacharelato | |
| 6. Licenciatura | |
| 7. Pós graduação/Mestrado | |
| 8. Doutoramento | |

2. Estado civil:

- | | |
|-------------------|--|
| 1. Solteiro | |
| 2. Casado | |
| 3. União de facto | |
| 4. Separado | |
| 5. Divorciado | |
| 6. Viúvo | |

3. Com quem vive:

- | | |
|------------------------------|--|
| 1. Sozinho | |
| 2. Com pais | |
| 3. Com parceiro/a | |
| 4. Com outros | |
| 5. Com filho(s) | |
| 6. Com parceiro/a e filho(s) | |

4. Quantos elementos tem a sua família nuclear? 4.1. *Quantos filhos tem? ____ Com que idade? _____*

- | | |
|---|--|
| 2 | |
| 3 | |
| 4 | |
| 5 | |
| 6 | |

5. Situação profissional (profissão principal):

- | | |
|-------------------------------------|--|
| 1. Empregado(a) por conta própria | |
| 2. Empregado(a) por conta de outrem | |
| 3. Desempregado(a) | |
| 4. Reformado(a) | |
| 5. Pensionista | |

Gostaria agora que pensasse na sua família. Já pensou?

Escolha (assinalando com um X) a opção para cada afirmação que melhor corresponda ao que acontece na sua família.

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
1. Os membros da minha família estão envolvidos nas vidas uns dos outros					
2. A nossa família tenta novas formas de lidar com os problemas.					
3. Nós damos-nos melhor com pessoas de fora da nossa família do que com as de dentro					
4. Nós passamos “demasiado” tempo juntos					
5. Na nossa família, há consequências rigorosas para quem quebra as regras					
6. Na nossa família, parece que nunca nos conseguimos organizar					
7. Os membros da minha família sentem-se muito próximos uns dos outros.					
8. Os pais partilham a liderança na nossa família de forma equitativa					
9. Os membros da minha família parecem evitar o contacto uns com os outros quando estão em casa.					
10. Os membros da minha família sentem-se pressionados a passarem juntos a maior parte do seu tempo livre					
11. Existem consequências claras quando um membro da minha família faz alguma coisa errada					
12. É difícil saber quem é o líder da nossa família					

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
13. Os membros da minha família apoiam-se uns aos outros durante tempos difíceis					
14. Na nossa família a disciplina/regras são justas					
15. Os membros da minha família sabem muito pouco acerca dos amigos dos outros membros da família					
16. Os membros da minha família são demasiado dependentes uns dos outros					
17. Na nossa família há uma regra para quase todas as situações					
18. Na nossa família as coisas não são feitas					
19. Os membros da minha família consultam/conversam com os outros membros da família sobre decisões importantes					
20. Quando necessário, a minha família é capaz de se ajustar à mudança					
21. Os membros da minha família “estão por sua conta” quando existe um problema para resolver					
22. Os membros da minha família têm pouca necessidade de ter amigos fora da família					
23. A nossa família é extremamente organizada					
24. Não é claro quem é o responsável por coisas (tarefas, actividades) na nossa família					
25. Os membros da minha família gostam de passar algum do seu tempo livre uns com os outros					
26. Na minha família, passamos as responsabilidades domésticas de pessoa para pessoa					
27. A minha família raramente faz coisas/actividades em conjunto					
28. Na minha família sentimo-nos demasiado ligados uns aos outros					

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
29. A nossa família fica frustrada quando há uma alteração nos nossos planos ou rotinas					
30. Não existe liderança na nossa família					
31. Apesar de os membros da minha família terem interesses individuais, ainda assim participam em atividades familiares					
32. Na nossa família temos regras e papéis claros					
33. Os membros da minha família raramente dependem uns dos outros					
34. Nós ressentimo-nos quando os membros da família fazem coisas fora da família					
35. É importante seguir as regras na nossa família					
36. A minha família tem dificuldade em gerir quem é que faz as tarefas domésticas					
37. A nossa família tem um bom equilíbrio entre separação e proximidade, entre uns e outros					
38. Quando surgem problemas, nós estabelecemos compromissos					
39. Os membros da família funcionam, principalmente, de forma independente					
40. Os membros da família sentem-se culpados se quiserem passar o seu tempo longe da família					
41. Quando uma decisão é tomada, é muito difícil modificá-la					
42. A nossa família sente-se sobre pressão e desorganizada					
43. Os membros da minha família estão satisfeitos com a forma como comunicam uns com os outros					
44. Os membros da minha família são muito bons ouvintes					

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
45. Os membros da minha família expressam afectos uns pelos outros					
46. Os membros da minha família são capazes de pedir uns aos outros o que querem					
47. Os membros da minha família podem calmamente discutir os problemas uns com os outros.					
48. Os membros da minha família discutem as suas ideias e crenças uns com os outros					
49. Quando os membros da minha família fazem perguntas uns sobre os outros, obtêm respostas honestas					
50. Os membros da minha família tentam compreender os sentimentos uns dos outros					
51. Quando zangados, os membros da minha família raramente referem aspectos negativos acerca uns dos outros					
52. Os membros da minha família expressam os seus verdadeiros sentimentos uns aos outros					
Quão satisfeito está com:	1. Muito Descontente	2. Um Tanto Descontente	3. Geralmente Satisfeito	4. Muito Satisfeito	5. Extremamente Satisfeito
53. O grau de proximidade entre os membros da família					
54. A capacidade da minha família, para lidar com o stress					
55. A capacidade da minha família, para ser flexível					
56. A capacidade da minha família, para partilhar experiências positivas					
57. A qualidade da comunicação, entre os membros da minha família					
58. A capacidade da minha família, para resolver conflitos					
59. A quantidade de tempo que passam juntos como família					
60. A forma como os problemas são discutidos					
61. A justiça das críticas feitas na nossa família					
62. A preocupação dos membros da minha família uns com os outros					

Seguidamente encontra-se uma lista de 30 itens, pedimos-lhe para responder, assinalando com uma cruz (X), a resposta que melhor expressa o seu sentimento nos últimos 6 meses. Cada item tem 7 possibilidades de resposta.

Legenda

1-Nunca; 2- Quase nunca; 3-Raramente; 4-Às vezes; 5- Frequentemente; 6-Quase Sempre; 7-Sempre.

		1	2	3	4	5	6	7
1	Pensei que seria melhor não estar vivo.							
2	Pensei suicidar-me.							
3	Pensei na maneira como me suicidaria.							
4	Pensei quando me suicidaria.							
5	Pensei em pessoas a morrerem.							
6	Pensei na morte.							
7	Pensei no que escrever num bilhete sobre o suicídio.							
8	Pensei em escrever um testamento.							
9	Pensei em dizer às pessoas que planeava suicidar-me.							
10	Pensei que as pessoas estariam mais felizes se eu não estivesse presente.							
11	Pensei em como as pessoas se sentiriam se me suicidasse.							
12	Desejei estar morto(a).							
13	Pensei em como seria fácil acabar com tudo.							
14	Pensei que suicidar-me resolveria os meus problemas.							
15	Pensei que os outros ficariam melhor se eu estivesse morto(a).							
16	Desejei ter coragem para me matar.							
17	Desejei nunca ter nascido.							
18	Pensei que se tivesse oportunidade me suicidaria.							
19	Pensei na maneira como as pessoas se suicidam.							
20	Pensei em matar-me, mas não o faria.							
21	Pensei em ter um acidente grave.							
22	Pensei que a vida não valia a pena.							
23	Pensei que a minha vida era muito miserável para continuar.							
24	Pensei que a única maneira de repararem em mim era matar-me.							
25	Pensei que se me matasse as pessoas se aperceberiam que teria valido a pena preocuparem-se comigo.							
26	Pensei que ninguém se importava se eu estivesse vivo(a) ou morto(a).							
27	Pensei em magoar-me mas não em suicidar-me.							
28	Perguntei-me se teria coragem para me matar.							
29	Pensei que se as coisas não melhorassem eu matar-me-ia							
30	Desejei ter o direito de me matar.							

Obrigado

Anexo B – Instrumento Aplicado aos Adolescentes

ISPA – IU

Dissertação de Mestrado

João Pena



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Lisboa, Junho de 2013

Questionário

Eu, João Miguel Maurício Pena, aluno do 5.º ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do ISPA – IU –, venho por este meio solicitar a tua participação num projecto de investigação sobre o impacto da crise económica na vida familiar e adolescência.

Assim, agradeço desde já a tua disponibilidade por colaborares ao responder às questões que seguidamente te propomos. É importante salientar que não existem respostas certas nem erradas. Acima de tudo é valorizada a tua sinceridade e espontaneidade nas respostas que deres. Caso surja alguma dúvida durante o preenchimento do questionário, não hesites em colocá-las.

Garantimos o total anonimato das informações que recolhermos do teu questionário.

Obrigado pela tua colaboração,

João Pena

(ISPA-IU)

Dados Biográficos:Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐

Idade: ____ anos

Nacionalidade: _____

Local de Residência: _____

7. Escolaridade/Educação:1. 3.º ciclo (7.º, 8.º e 9.º) ☐2. Secundário (10.º, 11.º, 12.º) ☐**2. Com quem vives:**

- | | |
|-------------------|--------------------------|
| 2. Sozinho | <input type="checkbox"/> |
| 3. Com pais | <input type="checkbox"/> |
| 4. Com parceiro/a | <input type="checkbox"/> |
| 5. Com outros | <input type="checkbox"/> |
| 6. Com filho(s) | <input type="checkbox"/> |

3. Quantos elementos tem a tua família?

- | | |
|---|--------------------------|
| 2 | <input type="checkbox"/> |
| 3 | <input type="checkbox"/> |
| 4 | <input type="checkbox"/> |
| 5 | <input type="checkbox"/> |
| 6 | <input type="checkbox"/> |

4. Que lugar ocupas na tua família?

- | | |
|-------------------|--------------------------|
| 1.º filho | <input type="checkbox"/> |
| 2.º filho | <input type="checkbox"/> |
| 3.º ou mais filho | <input type="checkbox"/> |

4.1. Caso sejas filho de pais separados, com quem passas mais tempo?

- | | |
|--------|--------------------------|
| 1. Mãe | <input type="checkbox"/> |
| 2. Pai | <input type="checkbox"/> |

5. Qual a situação profissional do teu pai?

- | | |
|-----------------|--------------------------|
| 1. Empregado | <input type="checkbox"/> |
| 2. Desempregado | <input type="checkbox"/> |
| 3. Reformado | <input type="checkbox"/> |

6. Qual a situação profissional da tua mãe?

- | | |
|-----------------|--------------------------|
| 1. Empregada | <input type="checkbox"/> |
| 2. Desempregada | <input type="checkbox"/> |
| 3. Reformada | <input type="checkbox"/> |

Gostaria agora que pensasses na tua família. Já pensaste?

Vais encontrar uma série de frases que te podem ajudar a descrever a forma como as pessoas da tua família se relacionam. O que te pedimos é que leias com atenção cada uma delas e coloques uma cruz (X) na resposta que aches que melhor caracteriza a tua família.

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
1. Os membros da minha família estão envolvidos nas vidas uns dos outros					
2. A nossa família tenta novas formas de lidar com os problemas.					
3. Nós damos-nos melhor com pessoas de fora da nossa família do que com as de dentro					
4. Nós passamos “demasiado” tempo juntos					
5. Na nossa família, há consequências rigorosas para quem quebra as regras					
6. Na nossa família, parece que nunca nos conseguimos organizar					
7. Os membros da minha família sentem-se muito próximos uns dos outros.					
8. Os pais partilham a liderança na nossa família de forma equitativa					
9. Os membros da minha família parecem evitar o contacto uns com os outros quando estão em casa.					
10. Os membros da minha família sentem-se pressionados a passarem juntos a maior parte do seu tempo livre					
11. Existem consequências claras quando um membro da minha família faz alguma coisa errada					
12. É difícil saber quem é o líder da nossa família					

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
13. Os membros da minha família apoiam-se uns aos outros durante tempos difíceis					
14. Na nossa família a disciplina/regras são justas					
15. Os membros da minha família sabem muito pouco acerca dos amigos dos outros membros da família					
16. Os membros da minha família são demasiado dependentes uns dos outros					
17. Na nossa família há uma regra para quase todas as situações					
18. Na nossa família as coisas não são feitas					
19. Os membros da minha família consultam/conversam com os outros membros da família sobre decisões importantes					
20. Quando necessário, a minha família é capaz de se ajustar à mudança					
21. Os membros da minha família “estão por sua conta” quando existe um problema para resolver					
22. Os membros da minha família têm pouca necessidade de ter amigos fora da família					
23. A nossa família é extremamente organizada					
24. Não é claro quem é o responsável por coisas (tarefas, actividades) na nossa família					
25. Os membros da minha família gostam de passar algum do seu tempo livre uns com os outros					
26. Na minha família passamos as responsabilidades domésticas de pessoa para pessoa					
27. A minha família raramente faz coisas/actividades em conjunto					
28. Na minha família sentimos demasiado ligados uns aos outros					

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
29. A nossa família fica frustrada quando há uma alteração nos nossos planos ou rotinas					
30. Não existe liderança na nossa família					
31. Apesar de os membros da minha família terem interesses individuais, ainda assim participam em atividades familiares					
32. Na nossa família temos regras e papéis claros					
33. Os membros da minha família raramente dependem uns dos outros					
34. Nós ressentimo-nos, quando os membros da família fazem coisas fora da família					
35. É importante seguir as regras na nossa família					
36. A minha família tem dificuldade em gerir quem é que faz as tarefas domésticas					
37. A nossa família tem um bom equilíbrio entre separação e proximidade entre uns e outros					
38. Quando surgem problemas, nós estabelecemos compromissos					
39. Os membros da família funcionam, principalmente, de forma independente					
40. Os membros da família sentem-se culpados se quiserem passar o seu tempo longe da família					
41. Quando uma decisão é tomada, é muito difícil modificá-la					
42. A nossa família sente-se sobre pressão e desorganizada					
43. Os membros da minha família estão satisfeitos com a forma como comunicam uns com os outros					
44. Os membros da minha família são muito bons ouvintes					

	1. Discordo Fortemente	2. Discordo	3. Não Concordo nem Discordo	4. Concordo	5. Concordo Fortemente
45. Os membros da minha família expressam afectos uns pelos outros					
46. Os membros da minha família são capazes de pedir uns aos outros o que querem					
47. Os membros da minha família podem calmamente discutir os problemas uns com os outros.					
48. Os membros da minha família discutem as suas ideias e crenças uns com os outros					
49. Quando os membros da minha família fazem perguntas uns sobre os outros, obtêm respostas honestas					
50. Os membros da minha família tentam compreender os sentimentos uns dos outros					
51. Quando zangados, os membros da minha família raramente referem aspectos negativos acerca uns dos outros					
52. Os membros da minha família expressam os seus verdadeiros sentimentos uns aos outros					
Quão satisfeito está com:	1. Muito Descontente	2. Um Tanto Descontente	3. Geralmente Satisfeito	4. Muito Satisfeito	5. Extremamente Satisfeito
53. O grau de proximidade entre os membros da família					
54. A capacidade da minha família para lidar com o stress					
55. A capacidade da minha família para ser flexível					
56. A capacidade da minha família para partilhar experiências positivas					
57. A qualidade da comunicação entre os membros da minha família					
58. A capacidade da minha família para resolver conflitos					
59. A quantidade tempo que passam juntos como família					
60. A forma como os problemas são discutidos					
61. A justiça das críticas feitas na nossa família					
62. A preocupação dos membros da minha família uns com os outros					

Seguidamente encontras uma lista de 30 itens que reflectem pensamentos que por vezes algumas pessoas podem ter. Assinala com uma cruz (X) a resposta que melhor expressa os teus pensamentos.

Legenda

1-Nunca; 2- Quase nunca; 3-Raramente; 4-Às vezes; 5- Frequentemente; 6-Quase Sempre; 7-Sempre.

		1	2	3	4	5	6	7
1	Pensei que seria melhor não estar vivo.							
2	Pensei suicidar-me.							
3	Pensei na maneira como me suicidaria.							
4	Pensei quando me suicidaria.							
5	Pensei em pessoas a morrerem.							
6	Pensei na morte.							
7	Pensei no que escrever num bilhete sobre o suicídio.							
8	Pensei em escrever um testamento.							
9	Pensei em dizer às pessoas que planeava suicidar-me.							
10	Pensei que as pessoas estariam mais felizes se eu não estivesse presente.							
11	Pensei em como as pessoas se sentiriam se me suicidasse.							
12	Desejei estar morto(a).							
13	Pensei em como seria fácil acabar com tudo.							
14	Pensei que suicidar-me resolveria os meus problemas.							
15	Pensei que os outros ficariam melhor se eu estivesse morto(a).							
16	Desejei ter coragem para me matar.							
17	Desejei nunca ter nascido.							
18	Pensei que se tivesse oportunidade me suicidaria.							
19	Pensei na maneira como as pessoas se suicidam.							
20	Pensei em matar-me, mas não o faria.							
21	Pensei em ter um acidente grave.							
22	Pensei que a vida não valia a pena.							
23	Pensei que a minha vida era muito miserável para continuar.							
24	Pensei que a única maneira de repararem em mim era matar-me.							
25	Pensei que se me matasse as pessoas se aperceberiam que teria valido a pena preocuparem-se comigo.							
26	Pensei que ninguém se importava se eu estivesse vivo(a) ou morto(a).							
27	Pensei em magoar-me mas não em suicidar-me.							
28	Perguntei-me se teria coragem para me matar.							
29	Pensei que se as coisas não melhorassem eu matar-me-ia							
30	Desejei ter o direito de me matar.							

Obrigado